

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL – UFMS

THAYS ALVES DE OLIVEIRA

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DA EXPERIÊNCIA COMO
PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÕES DE UMA LICENCIANDA EM
MATEMÁTICA

Campo Grande, MS

2021

THAYS ALVES DE OLIVEIRA

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DA EXPERIÊNCIA COMO
PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÕES DE UMA LICENCIANDA EM
MATEMÁTICA

Monografia de Graduação apresentada ao Instituto de
Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul (UFMS) no curso de Matemática – Licenciatura.

Orientadora: Professora Dra. Adriana Barbosa de Oliveira

Campo Grande, MS

2021

THAYS ALVES DE OLIVEIRA

NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS DA EXPERIÊNCIA COMO
PROCESSOS DE RESSIGNIFICAÇÕES DE UMA LICENCIANDA EM
MATEMÁTICA

Monografia de Graduação apresentada ao Instituto de
Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do
Sul (UFMS) no curso de Matemática – Licenciatura.

Aprovada em: ____/____/ 2021

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Adriana Barbosa de Oliveira (Orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Profa. Dra. Fernanda Malinosky Coelho da Rosa
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Aos meus pais, Lizete e Joacir, e aos meus avós, Nena e Venício, pelo exemplo de vida e dedicação, pelo apoio, carinho, todo o suporte, pela compreensão e por estarem constantemente ao meu lado. Com muito amor, dedico-lhes mais esta etapa concluída da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me dado força e saúde para concluir esta caminhada. Hoje percebo que sem ele, já teria desistido e jogado tudo para o alto. Agradeço aos avós, Nena e Venício, pela educação e pelo cuidado que tiveram comigo enquanto estiveram presentes, este trabalho é para vocês!

Pensei em agradecer a todos de maneira geral: agradeço aos meus pais, Lizete e Joacir, e à minha irmã, Ágata, pelo apoio. À minha orientadora, Adriana, por ter me ajudado a me (auto)descobrir na construção dessa monografia. Aos meus amigos que sempre me apoiaram e souberam me aguentar em meus momentos de angústia e chatice: Ju, Léo, Vi Lurdes, Gabis Sandim, Luiza e Larissa, obrigada por me ajudar nesta “loucura” que decidi me aventurar. Agradeço aos meus familiares, que de forma involuntária, me ajudaram. A todos o meu muito obrigada!

Mas agradecer dessa forma, não estava me agradando e por isso decidi começar do zero e mostrar minha gratidão de uma maneira mais Thays, por assim dizer. Pensando nisso os meus agradecimentos ficaram assim:

A primeira pessoa que gostaria de agradecer é a minha mãe Lizete: obrigada por ser o meu pilar e me ajudar a construir esta monografia. Sem a senhora não teria conseguido ter tanta precisão nas narrativas. Agradeço também todas as vezes que a senhora lavou a louça, mesmo sendo a minha vez, porque estava no processo de estudo e construção deste trabalho. Obrigada por ser a minha mãe!

Pai, obrigada por abaixar o som todas as vezes em que solicitei. Obrigada por compreender os dias em que não pude fazer o almoço, pois estava estudando ou em reunião. Obrigada por ter pagado a internet e por ter tido paciência quando eu gritava que a internet estava atrasada. Te agradeço por ter me trazido para a realidade, nas vezes em que surtava.

Ágata, obrigada por ter tirado os meus óculos, o notebook e os livros da minha cama enquanto eu dormia em cima deles. Obrigada pelas indicações, por ter me explicado várias vezes algumas regrinhas de Português e por ser um dicionário de sinônimos de fácil acesso quando preciso. Obrigada por ser um exemplo a ser seguido.

Agradeço à minha orientadora, Adriana, por ter visto em mim um potencial que eu não enxergava. Obrigada por me escutar falar sobre coisas além da monografia e

pela confiança depositada constantemente. Obrigada por ter me ajudado a ter voz ao construir esta monografia!

Obrigada Ju, por fazer parte da minha história. Por ser a amiga que me distraía quando eu estava cansada demais dessa loucura que é a faculdade. Obrigada pela compreensão e pelas inúmeras vezes em que veio aqui em casa e eu dormi ao invés de ficar conversando com você. Agradeço por me apoiar e se fazer presente sempre!

Léo, Vi Lurdes, Pamela, Gabis Sandim, Lara e Luiza, agradeço a todos por escutarem meus áudios infinitos sem colocar na velocidade 2x. Obrigada por estarem comigo nos momentos em que pensei em desistir, pelas reuniões que eram para fazermos trabalhos e acabavam comigo falando: “Gente, estou tão cansada!”, pelas opiniões e palpites que me deram nos textos. Obrigada pelas indicações de filmes, me ajudaram a me manter acordada nas madrugadas de estudo que tive. Obrigada por serem as pessoas com quem pude contar nesses cinco anos de graduação, ninguém solta a mão de ninguém.

“O que é que eu vou fazer da minha vida?”, agradeço à Larissa por ter escutado esta frase um milhão de vezes por dia e em todos elas me dar uma luz. Te agradeço por ser a minha amiga, por me mostrar a realidade e por ter acreditado que eu daria conta nas inúmeras vezes em que te liguei pedindo uma luz. Obrigada por me ajudar nos meus momentos de bloqueio e insegurança.

Agradeço aos meus tios e tias, Edimar, Ângela, Edilene, Andreli, Gilmar e Henrique, que nas brincadeiras falavam: “Thays é boa com números, não sabe produzir texto não!”. A leitura desta monografia será realizada em nossas próximas reuniões. Obrigada por terem me tirado de casa nos momentos em que eu mais precisava me distrair e não sabia. Obrigada por serem a minha família.

Já ia me esquecendo, quero agradecer ao meu celular e notebook por não terem me abandonado nesta jornada!

Agradeço a todos por fazerem parte desta narrativa comigo!

"como é tão fácil pra você
ser gentil com as pessoas ele perguntou

leite e mel pingaram
dos meus lábios quando respondi

porque as pessoas não foram
gentis comigo"
(Rupi Kaur)

"Escrever é o ato, no momento, mais corajoso que existe."
(Igor Pires da Silva)

RESUMO

Para produzir esta monografia tive que me desfazer das amarras que me prendiam em um mundo normalizado e padronizado e entrar em um processo de (auto) descoberta, sem silenciamentos e com liberdade. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é traçar compreensões acerca de possíveis processos de ressignificações que podem atravessar uma acadêmica durante seu processo de formação inicial em um curso de Licenciatura em Matemática. Para isso, faço uso de narrativas (auto)biográficas (DELORY-MOMBERGER, 2012; SOUZA, 2006; PASSEGGI, 2011), como sendo um modo de escrita que possibilita apresentar reflexões e significados, com base em minhas angústias, expectativas e frustrações, que possam vir a contribuir com minha futura profissão docente. Para fundamentar a produção dessas narrativas utilizo o conceito de experiência (LARROSA, 2020) para narrar situações que marcaram minha formação escolar e acadêmica. Nessa perspectiva, trabalho com a construção de dois episódios que narram experiências vividas durante a graduação, que quando colocadas em evidência, apresentam fatos marcantes que compõem o meu caminhar. Descrever trechos da minha caminhada em uma pesquisa qualitativa que tem como base narrativas (auto)biográficas e o conceito de experiência, é como trazer para discussão assuntos que são pouco abordados, tais como, afetações vividas na relação professor e aluno e na relação com colegas do curso. A falta de empatia e o preconceito racial são evidenciados nessa escrita. Por fim, escrevo esses episódios para compartilhar ou até mesmo dizer algo para mim mesma e, se possível, ao outro.

Palavras-chave: História de Vida. Reflexões. Racismo. Prática Docente.

SUMÁRIO

LOUCURAS E INSEGURANÇAS AO SE PRODUIR UMA MONOGRAFIA.....	10
UMA BIOGRAFIA OU UMA NARRATIVA DE TUDO?.....	15
NARRATIVA COMO MODO DE PRODUIR UM TEXTO ACADÊMICO.....	22
ALGUNS MOVIMENTOS DE COMO NÃO SER UM PROFESSOR.....	30
THAYS, VOCÊ É NEGRA, VOCÊ NÃO É BRANCA!.....	37
SE EU ENTRASSE NO CURSO HOJE?!.....	56
REFERÊNCIAS.....	60

LOUCURAS E INSEGURANÇAS AO SE PRODUZIR UMA MONOGRAFIA

“Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim. Tenho é que me copiar...”

(Clarice Lispector)

“sou o resultado de uma reunião em que os ancestrais decidiram que alguém precisava contar essas histórias”

(Rupi Kaur)

Um dos grandes desafios que vivo no momento é escrever sobre fragmentos e etapas de minha vivência na Universidade, pois trata-se de um período inacabado e, portanto, incerto. Pensando bem, incerto todo tempo é, pois é fluxo de vida, história que constrói novamente e diferente o já vivido. Talvez o que eu queira dizer aqui é que se já tivesse finalizado a graduação, poderia escolher o tom com que quero contar essa história. Por enquanto, será o tom das incertezas. Ainda não sei se soltarei purpurina quando acabar ou se largarei tudo e entrarei em uma companhia de teatro, ou ainda, iniciarei as tão sonhadas aulas de Balé.

O que eu sei, é que hoje estou em frente ao computador escrevendo um texto ou o que pode se tornar uma parte da minha monografia e assistindo minha série favorita, The Vampire Diaries, pela milésima vez. Pode parecer loucura, mas todos os textos que escrevi durante a graduação, ainda não concluída, foi assistindo séries, filmes ou ouvindo música. Engraçado que essa prática faz com que eu me desligue das coisas que estão ao meu redor e foque naquilo que de fato precisa da minha total atenção. E não, de maneira alguma presto atenção nas duas coisas ao mesmo tempo, as séries/filmes/músicas são apenas músicas de fundo, por assim dizer, porque o silêncio, esse “barulho” do nada, me incomoda. Penso que saber isso sobre mim já é muita coisa, ouvi dizer que há gente que passa uma vida sem saber o que funciona melhor para si. O fato de eu ter escolhido a palavra loucura para descrever esse modo de pensar indica o quanto reconheço os esforços cotidianos do processo educacional formal em impor o silêncio como condição de aprendizagem. Se o silêncio é

normalizado em função da aprendizagem, não haveria palavra melhor para afirmar que meu modo de produção tem trilha sonora.

Diante disso, estou apenas escrevendo e me questionando se esses escritos vão fazer algum sentido ou se de fato serão utilizados na monografia. Primeiramente, quero fazer uma pausa e falar sobre como eu percebia as produções acadêmicas antes de entrar para a pesquisa, por meio dessa monografia, e de cogitar, futuramente, um curso de Mestrado. Eu nunca tinha parado para refletir sobre a importância dessas produções. Pensava: qual o sentido de escrever uma dissertação ou tese, de quatrocentas páginas, que na prática não será aplicada? Que pensamento mais equivocado! Depois de estar inserida no mundo das produções, percebo que são essenciais para o desenvolvimento da educação, que por intermédio delas são desenvolvidas teorias, que são validadas e publicadas, que por consequência podem melhorar minha prática como futura professora e com isso a educação em sala de aula. E depois de ler vários trabalhos que me marcaram e que são tão significativos para minha pesquisa, fico pensando que talvez venha daí a ideia de elaborar escritos significativos e, ao mesmo tempo, a minha insegurança de que eles possam parecer sem sentido, uma vez que gostaria de produzir uma monografia que contribua com outros pesquisadores, da mesma forma que os textos que venho lendo tem contribuído comigo e me transformado. Então, resolvi tirar minhas amarras e me dispus a escrever, sem pensar em quem irá ler e como será lido, mas tendo a certeza de que faz sentido minha escrita, senão para o outro, mas com certeza para mim.

Acredito que uma das coisas que aprendi durante o curso, ou melhor, ressignifiquei é que nós, graduandos de Licenciatura em Matemática, podemos sim escrever textos, ler artigos, livros e até mesmo assistir longos documentários que nos provocam a refletir sobre nossa postura e a futura profissão. Sempre tive medo de ser taxada como louca ou sem noção, pelos meus colegas, por gostar de escrever, de ler, e até por fazer relatórios com mais de cinquenta páginas para as disciplinas de Estágio. Mais uma vez a palavra “louca” me define em meus escritos e associo isso ao fato de que sempre tentei me encaixar em padrões que a sociedade me empunha. E quando não os alcançava de forma “harmoniosa”, criava um personagem que de certa forma se encaixava perfeitamente, me transformava em alguém que a sociedade aceitava. Hoje vejo que esse processo de normalização pode ser entendido como a criação de uma fábrica de robôs, todos iguais, falando a mesma língua e escrevendo as mesmas coisas. E que bom que nem sempre me encaixo nos padrões, que venho

no processo contrário de normalização e ser taxada como louca já não me afeta mais como antes, agora tomo isso como uma resistência, uma forma de dizer que os padrões não me definem mais.

Quando comecei a pensar na escrita dessa monografia, sugeri à Adriana que pudéssemos discutir sobre as angústias, as expectativas, e até as frustrações que muitos acadêmicos vivem durante o curso, principalmente aqueles que, de algum modo, começam a ter alguns questionamentos sobre o que estão vivendo. Para isso, a ideia inicial seria eu entrevistar meus colegas de graduação, elaborando perguntas que serviriam para nortear os encontros que teríamos para ter essas conversas. A ideia seria produzir entrevistas narrativas.

Entretanto, depois de algumas reuniões decidimos que seria mais viável e interessante fazer um estudo com base nas minhas angústias, expectativas e frustrações, buscando traçar compreensões acerca dos possíveis processos de ressignificações que podem atravessar um acadêmico durante seu processo de formação inicial em um curso de Licenciatura em Matemática. Com isso, começamos a pensar em narrativas (auto)biográficas a partir de minhas vivências na Universidade. Porém, às vezes, me questiono: “Será que ainda estou fazendo entrevistas narrativas?” e cheguei à conclusão que sim, pois trabalhar com narrativas (auto)biográficas é estar constantemente se entrevistando. Então posso dizer que tenho feito entrevistas narrativas, em que eu sou, ao mesmo tempo, o entrevistador e o entrevistado.

Na produção da monografia optei por utilizar a grafia narrativas (auto)biográficas ao invés de narrativas autobiográficas, e antes que comece a ler o meu trabalho gostaria de te explicar o porquê de eu estar utilizando este modo de escrita. Quando penso em *Biografias*, entendo como um tipo de texto que narra a vida de alguém e apesar de na minha produção eu narrar uma história de vida, eu narro a minha. Então, de acordo com isso é uma narração de si, uma narrativa autobiográfica. E quando penso neste conceito, a entendo como sendo uma narrativa de caráter mais pessoal em que o escritor é o personagem principal da história. E após entender o que compõem cada um dos conceitos, comecei a pensar em uma maneira de fazer uma intersecção entre ambas sem que perdêssemos esse entendimento. Foi assim que me deparei com a grafia (auto)biográficas, em que coloca o prefixo auto entre parênteses, em algumas leituras e percebi que essa era a maneira certa para compor a monografia, e me ajudar a falar sobre as minhas demandas. Porque dessa maneira

eu consigo abranger mais conceitos sem deixar nada de fora, visto que eu faço uma reflexão daquilo que narro. Porque não necessariamente é apenas uma biografia ou uma autobiografia, é uma constituição de um outro sujeito, ou vários sujeitos, quando eu narro e, apesar do sujeito ser a Thays. É uma versão minha atualizada não é a mesma da infância, não é a mesma que escreve e sim, outra que produziu significado e ressignificou as experiências vividas.

Para compor este trabalho optamos por não nomear os capítulos de forma tradicional, evidenciando o que cada um deles significa, mas sim por nomeações que fizessem mais sentido para o estudo. O que estamos investindo é no modo de lidar com essas coisas, uma escrita que faça sentido e não apenas uma estrutura a ser seguida.

Assim que terminar de ler esta introdução, chegarão na primeira parte desta pesquisa: *“UMA BIOGRAFIA OU UMA NARRATIVA DE TUDO?”*, por esta escrita me conhecerão um pouco melhor e saberão quem é a Thays, ou parte dela. Neste capítulo conto um pouco sobre o meu caminhar desde o meu nascimento até o ingresso na universidade.

Dando continuidade, após saber um pouquinho sobre mim, saberão a metodologia utilizada em todo esse desenvolver: *“NARRATIVA COMO MODO DE PRODUZIR UM TEXTO ACADÊMICO”*, vocês encontrarão um diálogo entre uma pesquisadora em formação, que sou eu, e grandes pesquisadores e estudiosos como: Elizeu Clementino de Souza, Maria da Conceição Passeggi, Christine Delory-Momberger, Jorge Larrosa, entre outros. Procuro produzir nesse texto uma conversa sobre narrativas (auto)biográficas e o conceito de experiência.

Depois de apresentar como tenho trabalhado e utilizado as narrativas neste trabalho exponho o Episódio 1 *“ALGUNS MOVIMENTOS DE COMO NÃO SER UM PROFESSOR”*, em que falo sobre duas disciplinas obrigatórias, Cálculo II e Cálculo III, que cursei no ano de 2019, em semestres diferentes, e como elas me marcaram como futura professora de Matemática.

Na sequência, no Episódio 2 *“THAYS, VOCÊ É NEGRA, VOCÊ NÃO É BRANCA!”*, há experiências e vivências que apenas uma pessoa negra pode narrar, falo sobre situações preconceituosas vivenciadas ao longo da minha caminhada, desde o Ensino Fundamental e Médio, até o ambiente universitário, e como esse processo de silenciamento pode prejudicar uma acadêmica em formação.

Ao final desta produção, no texto “*SE EU ENTRASSE NO CURSO HOJE?!*”, tomo uma postura mais reflexiva sobre todo esse caminhar. Falo como essa escrita de narrativas contribuiu para desatar alguns nós que vinha carregando e como esse desamarrar contribuiu para ressignificar a minha formação.

UMA BIOGRAFIA OU UMA NARRATIVA DE TUDO?

“Não se pode olhar pra trás sem se aprender alguma coisa pro futuro.”

(Renato Russo)

Quando a Adriana, minha orientadora, em uma de nossas reuniões falou para eu escrever a narrativa da minha vida, entrei em surto. Questionamentos surgiram, por exemplo, “Como começar? Por onde? Devo falar desde quando nasci? Infância, adolescência ou começo da vida adulta?”. Enfim, depois de dias nessa tortura, que eu mesma me coloquei, resolvi começar do início.

Meu nome é Thays Alves de Oliveira, mas pode me chamar Thays, Thaís, Taís ou até Tays. Concluindo, é um mesmo nome só que escrito de outras maneiras, eu atendo por todos. Sou filha de Lizete, Joacir e Januário, sim tenho dois pais, mas isso é pauta para outra narrativa e sou irmã da Ágata.

Nasci na Maternidade Cândido Mariano, aqui em Campo Grande no Estado de Mato Grosso do Sul, no dia 31 de março de 1999. Não sei dizer se meu nascimento foi uma loucura ou se aconteceu algum feito inesperado, mas tenho certeza de que foi uma alegria. Antes de eu nascer havia apenas minha irmã para uma família de doze tios, eles precisavam de alguém para dar um sacode. Então eis que surge eu, que durante cinco ultrassons era Marcos Vinicius, uma menina que sai da barriga da mãe espirrando, careca, gorducha e com a panturrilha bem grossa.

Minha infância foi uma festa. Costumo dizer que nasci em uma boa época: sem o atual surto de tecnologia. Brinquei de boneca, corri na rua, subi em árvores e fiz muita arte com meus tios, só tenho boas recordações desse período. Sempre fui uma criança muito esperta, assim contam meus familiares em reuniões festivas ou em qualquer oportunidade em que estamos reunidos. Mas, também falam que eu era teimosa, chorona e briguenta, o que mostra que desde pequena já apresentava uma personalidade forte. Dessa fase da minha infância, antes de ir para a escola, lembro-me de ir com minha mãe, que é empregada doméstica, para o seu trabalho. Ela me levava porque eu chorava demais quando a via saindo para pegar o ônibus. No caminho para seu trabalho havia uma banca de jornal e revistas e, todos os dias,

minha mãe me comprava um gibi da Turma da Mônica e um Todynho. Essa prática, que durou entre os meus três e cinco anos de idade, era uma lei, pois caso ela não comprasse eu fazia um escândalo. Foi assim que comecei a gostar de ler, depois vieram os livros de romance e, um tempo mais tarde, os aplicativos de leitura.

Após esse período, entrei em uma escola, do bairro onde morava, chamada MeiMei. Era uma instituição particular e eu só consegui uma vaga depois de muita luta de minha mãe, que pagava a mensalidade comprando material escolar para minha turma inteira. E foi assim que eu comecei a frequentar a tão sonhada escola. O ensino era integral, então minha mãe me deixava às sete da manhã, antes de ir trabalhar, e meu avô me buscava às cinco da tarde. No início, a adaptação foi difícil, chorava todos os dias quando minha mãe me deixava lá. No entanto, depois chorava para ir à escola. Como entender a transformação da mente de uma criança!

Eu amei o tempo em que fiquei nessa escola de todas as formas. Esse período foi equivalente à creche e ao “prezinho” do ensino público. Foi nela que aprendi a escrever meu nome completo, a ler e formar sílabas, que conheci os números e contas de adição de forma básica, sem contar o grande repertório de músicas infantis que adquiri. Quando fui para a primeira série, atual primeiro ano do Ensino Fundamental, eu já sabia a maioria dos conhecimentos que estavam sendo ensinados pelo professor que, no caso, era o meu tio. Na escola MeiMei, minhas professoras me incentivaram, de forma grandiosa, a gostar de estudar e, o mais importante, me fizeram ter interesse por diferentes áreas.

Todo o meu Ensino Fundamental foi realizado na Escola Municipal Professor Licurgo de Oliveira Bastos. Esse foi o período em que me descobri, me questionei e me redescobri. Foi quando comecei a pensar e me questionar sobre qual profissão seguir. Em ambas as instituições eu tive ótimos professores, que me marcaram de forma significativa, que me apoiaram e me ajudaram em tantas batalhas que surgiram nessa época. Sempre fui uma criança muito espontânea, carismática e de fácil convivência. Todos os professores que tive têm algo para contar sobre mim ou sobre alguma coisa que aprontei em sala.

Sempre busquei estar incluída, constantemente querendo fazer parte de determinados grupos que surgem no período escolar, ou melhor, grupos que a sociedade nos impõe em todos os momentos de nossa vida. Como todas as crianças, minha aparência de início não era considerada uma das melhores perante a sociedade. Negra, cabelo afro, pernas grossas, peito e bunda grande, dentes tortos e

sem nenhuma preocupação com minha estética, o que fez com que o preconceito me seguisse por um longo caminho e período da minha vida.

As profissões que eu pensava para o meu futuro, de certa forma, estavam ligadas às estações que eu ia passando e superando. Primeiramente eu quis ser dentista, isso surgiu logo depois que eu comecei a fazer tratamento dentário. Estava fascinada com essa profissão, ficava me questionando como borrachas coloridas e arames poderiam dar autoestima para as pessoas e mudar a aparência de forma radical. Mas isso logo passou, descobri que não tenho estômago para trabalhar com áreas que envolvam sangue. Outra opção que surgiu foi ser professora de Educação Física, pois gostaria de estar inserida no grupo de atletas da escola. O Licurgo sempre foi uma instituição que se preocupou e que sempre motivou a prática de esportes.

Como a maioria dos meus colegas de sala participava de atividades esportivas eu queria fazer parte deste grupo, pois eles eram os bem relacionados, os que sempre eram apoiados pelos professores, os que faltavam para ir aos campeonatos e os que eram tirados da sala de aula em horário de aula. Então comecei a fazer atletismo, de forma grosseira eu corria, participei de campeonatos e nunca fui bem-sucedida nesta área. Foi nesse período que um professor de Educação Física, Sander, começou a dar aula de Handebol. E como todas as minhas amigas estavam participando, insisti com minha mãe para que ela me autorizasse a fazer e consegui pela força do cansaço. No começo era por causa da inclusão, depois virou um amor e acabei descobrindo que era boa nesse esporte. Então eu queria ser professora de Educação Física por causa do Handebol.

Como estava me dedicando demais a esse esporte, minhas notas na escola caíram e minha mãe me colocou de castigo, sem treino. Eu chorava todos os dias, via minhas amigas indo para os campeonatos, ocupando minha posição e ver aquilo foi me desanimando. Quando fui liberada do castigo, meu rendimento não era o mesmo, nos campeonatos sempre ficava no banco, engordei um pouco e não conseguia correr como antes, logo comecei a faltar nos treinos. Foi quando eu me empenhei mais nos estudos e tratei de correr atrás das notas perdidas. Nunca fui uma péssima aluna, sempre tirei boas notas em todas as disciplinas. As notas baixas as quais minha mãe se referia era de dez para sete, nada muito desesperador.

Não sei dizer quando ao certo surgiu minha paixão pela Matemática, mas lembro de estudar a área exatas com meu pai e a área de humanas com minha mãe. Então números era com um e redação, leitura e outras matérias com outro. Minha irmã

Ágata, nunca gostou de Matemática, lembro que meu pai se estressava com ela quando ensinava tabuada, era um tormento para ela, que chorava e apanhava. Na minha cabeça minha irmã apanhava porque não estudava tabuada, para não passar pela mesma situação que ela, eu estudava. Acho que foi assim que tive contato com essa área, por escolha forçada.

Esse interesse fez com que eu me aproximasse dos professores de Matemática, mas nessa época não pensava nisso como minha futura profissão. Comecei a me dar bem nessa disciplina e como tinha uma boa convivência com os professores, eles me passavam conteúdos, para além da sala de aula, para que eu me aprofundasse nos estudos. Sempre ajudei meus colegas que tinham dificuldades, resolvia exercícios e passava matéria no quadro. E mesmo com tudo isso, ser professor de Matemática não passava pela minha cabeça. Eu apenas gostava. Nesse meio tempo recuperei minhas notas e consegui dar continuidade com constância no Handebol. Enfim, tinha conseguido conciliar duas coisas que gostava.

Meu Ensino Fundamental ficou marcado pelos relacionamentos que, na minha vida, eu tenho um grande apreço. Ser amiga, levando em consideração a hierarquia, sempre foi fundamental para mim. Nessa escola eu era conhecida por todos, desde a pessoa que era responsável por abrir o portão até a diretora. Eu era conhecida pelo sorriso, simpatia e empatia com o outro. Depois que escolhi qual profissão seguir, fui até o Licurgo comunicar e agradecer aos professores que, de forma involuntária, me ajudaram nessa decisão. Laura e Moacir são professores que, por ensinar a Matemática de forma diferente, me influenciaram e me inspiraram nesse meu caminhar.

Mas antes de escolher a Matemática, eu pensei em ser professora de Artes por influência de um professor que foi atípico na minha vida, Órion Dias. Ele foi professor de meus tios, de minha irmã, e hoje, de meus primos. Ele me influenciou em grandes escolhas e me ajudou com a autoaceitação. Hoje somos amigos próximos. No entanto, desenhar e apreciar obras de arte nunca foi uma paixão para mim, de longe algo que me inspirasse. Então, desisti dessa ideia.

Ganhei uma bolsa de estudos pela escola, para estudar no Colégio Dom Bosco, mas, optei pelo ensino público. Para uma menina que sempre foi privada de ser quem ela era por causa da sociedade, por não poder escolher usar seu cabelo Black, ir para uma escola privada não era opção.

Cursei meu Ensino Médio na Escola Estadual Joaquim Murtinho, por influência do professor Órion, que faz parte do corpo docente dessa instituição. Essa fase foi realmente de descoberta e aceitação. Acho que nessa etapa da nossa vida descobrimos de que maneira queremos mudar de criança para adolescente, e a partir disso dar continuidade. Como aluna nesse período, dei continuidade ao que vinha construindo no Ensino Fundamental, mas sem o Handebol. E o tempo todo a Matemática se fez presente, de forma integral, na minha vida. O bom relacionamento com todos ao meu redor me abriu portas e me deu amizades que até hoje carrego comigo.

Durante o Ensino Médio continuei passando conteúdos no quadro para praticamente todos os professores, auxiliando-os nas correções e tirando dúvidas dos colegas. Em paralelo a minha vida escolar, havia minha vida pessoal e profissional. Eu estudava pela manhã, trabalhava como vendedora em uma loja de roupa à tarde e à noite, e aos finais de semana, eu saía com os amigos que fui conquistando na escola.

Comecei a pensar na possibilidade de ser professora, de maneira mais concreta, quando percebi que professores nunca precisariam desistir de comprar material escolar todos os anos. Para quem me conhece, sabe da minha pequena obsessão por papelaria. Então eu já tinha decidido ser professora, agora precisava saber do que. Durante uma aula de Matemática, em que a professora ministrava o conteúdo de matrizes, eu a questionei sobre uma passagem que ela havia feito de forma incorreta. Sempre tive o hábito de estudar para as aulas (hoje me pergunto o porquê de eu não ter trazido isso para a faculdade, seria de grande ajuda!), então eu sabia do que estava falando. Ela ficou muito irritada e pediu para eu ir ao quadro ensinar o conteúdo aos alunos. Eu fui, mesmo contra a minha vontade, pois ela havia parado a aula por isso. Com a minha explicação, os alunos compreenderam melhor o conteúdo. Falo isso não com ar de soberba e sim como uma descoberta, tenho certeza de que foi ali, bem naquele momento, que eu descobri que nasci para ser professora de Matemática.

Depois dessa situação, assumi meu desejo ao escrever atrás da camiseta do 3º ano qual seria minha profissão e então tive que ouvir todos os professores falarem da loucura que estava fazendo. Não pensem que o meu Ensino Médio foi um mar de rosas, porque não foi. Tive muitas inimizades que me rotulavam sem me conhecer. Os elogios, a intimidade com os professores, a amizade com o diretor, meu jeito de

ser, sempre foi visto com maus olhos. Lembro de um dia de avaliação em que resolvi uma prova de Matemática em dez minutos e os meus “colegas” acharam que o professor tinha me passado as respostas. Nunca me importei muito com isso, pois eu era uma boa aluna com bons relacionamentos e não poderia e nem deveria mudar isso.

Sempre vi a Matemática com olhos de amor, não lembro de pensá-la como um “bicho papão”. E isso acontecia com todas as disciplinas, eu contribuía em todas as aulas, debatia e militava nas aulas de filosofia e sociologia, lia e escrevia nas aulas de português e literatura, desenhava na aula de artes e assim por diante. Nunca coloquei a Matemática num pedestal e esqueci das outras.

Depois que escolhi a profissão, tive que escolher onde cursá-la. Aqui em Campo Grande apenas duas instituições de Ensino Superior, uma pública e uma privada, ofertam o curso de Licenciatura em Matemática na modalidade presencial. Eu não tinha, e ainda não tenho, condições de pagar por uma graduação, então decidi que a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul era a minha única possibilidade.

Sendo bem sincera, não me preparei de forma correta para os vestibulares. Estava no último ano do Ensino Médio, queria mais me divertir e ir em festas que meus amigos organizavam. Mas, durante os três anos eu participei do ENEM, o que me fez ter uma noção de como era essa prova, além disso, eu sempre li bastante e aproveitava ao máximo as aulas. E foi assim que tirei uma nota no vestibular suficiente para entrar no curso que desejava.

Eu sempre conversei com meus professores sobre minha escolha profissional e sobre minhas expectativas em relação ao curso de Licenciatura em Matemática. Então eu, Thays, uma menina que chorava para ir à escola, que no Ensino Fundamental pensava em profissões de acordo com os estágios da sua vida e que no Ensino Médio, por um mal-entendido, decide sua futura profissão, agora se via na universidade, cheia de esperanças e conjecturas que foram destruídas quando confirmei minha matrícula.

Se você que está lendo isso, tem vontade de fazer graduação em Licenciatura em Matemática, sinto lhe informar que ela nada tem a ver com a Matemática da sala de aula. E que na verdade elas, as Matemáticas, são muitas e entres elas você acaba perdido. Mas mesmo assim, quando você começa estudá-la profundamente, ela vai te fascinando e te envolvendo de tal maneira que, quando se dá conta, está envolvido por ela.

Hoje a Thays “adulta”, não se arrepende de nada que fez para chegar até aqui. Em alguns momentos o curso me frustrou e tenho certeza de que vai continuar fazendo isso. Eu tinha uma ideia sobre o curso e o ingresso nele me fez ver que só sabemos das coisas quando estamos inseridos nelas.

Meu primeiro ano na graduação, em 2017, me fez entender que eu não sabia muito sobre Matemática. Só havia aprendido o básico do básico e não estou culpando meus professores anteriores, isto está relacionado às políticas educacionais. Aquela aluna que fazia a prova em dez minutos não estava conseguindo fazer uma questão em duas horas. Nesse ano eu me senti burra e incapaz, com a sensação de que não sabia Matemática e até me questioneei sobre a escolha do curso. Então reprovei em quase todas as disciplinas dos primeiros semestres. O desânimo bateu, mas eu não desisti, continuei firme e frustrada.

No segundo ano, já estava mais madura e estava começando a me adaptar melhor à instituição. Estava aprendendo e reaprendendo a Matemática, a estudar de verdade, aprendendo a ser aluna. Em questão de relacionamento com os professores, continuei da mesma maneira, criando amizades. O primeiro ano foi um choque, o segundo de descobertas, o terceiro de amadurecimento, o quarto foi de escolhas e o quinto vai ser de oportunidades. Hoje tento entender o que aconteceu comigo, durante todo esse percurso. Como eu cheguei na faculdade, como foi meu desenvolvimento nela e como eu estou saindo. Mas, de uma coisa tenho certeza, vou sair cheia de ressignificados, de bagagens e vivências com meus tutores do Ensino Fundamental, Médio e Superior.

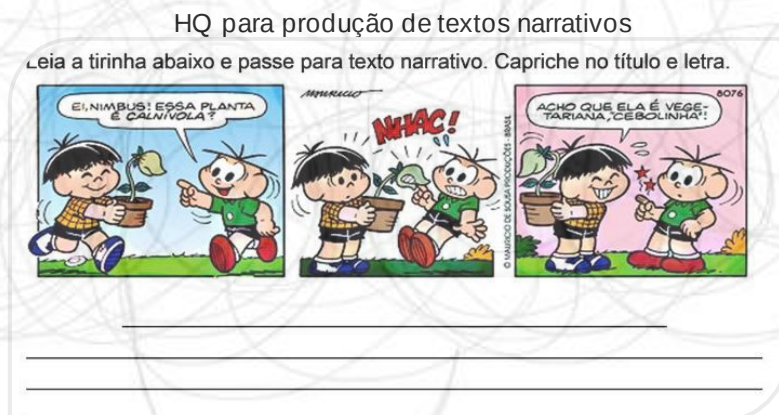
Cheguei na faculdade achando que ia apenas aprofundar os conhecimentos já adquiridos e que essa profissão consiste apenas em planejar a aula e aplicá-la, elaborar e corrigir provas. Entretanto, com base em todas as matérias que tive até o momento, sendo elas específicas ou pedagógicas, as provas que fiz, as decepções que tive, os estágios que realizei, as discussões que participei, os textos que escrevi, os trabalhos que apresentei, os projetos que participei, enfim, todos esses feitos me fizeram entender que ser professor em qualquer área, em especial, a Matemática, requer, além do que eu já imaginava, muito amor, respeito, carinho, amizade e, principalmente, empatia.

Após esta escrita penso que é tudo o que tenho para dizer sobre mim, e que mais nada pode ser dito ou escrito a meu respeito. Mas, se isso fosse verdade você não estaria lendo esta monografia, então sim, muito ainda pode ser dito e escrito.

NARRATIVA COMO MODO DE PRODUZIR UM TEXTO ACADÊMICO

“Narrar é resistir”
(Guimarães Rosa)

A primeira vez que tive contato com narrativas, ao menos pensando nisso como algum conteúdo escolar, estava no 4º ou 5º ano do Ensino Fundamental 2. Não lembro o nome da professora, mas ela passou uma daquelas atividades que são padrões quando se está ensinando sobre gêneros textuais, sobre narrativas: “Produza um texto narrativo a partir da história em quadrinhos ou a partir da seguinte imagem”. Não tem como você ter ido à escola e não ter feito nenhuma atividade que pedisse tal produção, ao menos, uma escola tal como estamos acostumados a pensar.



Fonte: Pinterest (2018)

Então, foi por meio dessas atividades que ouvi e/ou li e/ou escrevi pela primeira vez esse tipo de narrativa. Afirmo ainda que durante todo o meu Ensino Fundamental, Médio e até o ano de 2019 do Ensino Superior eu só pensava a narrativa como um tipo de texto descritivo com histórias reais ou não.

Sempre gostei de ler, então as narrativas fizeram parte da minha vida por meio dos inúmeros romances e outros tipos de textos que fui lendo, mesmo eu não os reconhecendo, como tal, o tempo todo. Começou com os Gibis da Turma da Mônica que li durante toda a primeira parte da minha infância, conforme mencionei em minha primeira narrativa. E após o vício em histórias da Turma da Mônica comecei a me

¹ Essa atividade sobre Produção de Narrativas, foi tirada do Aplicativo Pinterest. Para ser utilizada como exemplo.

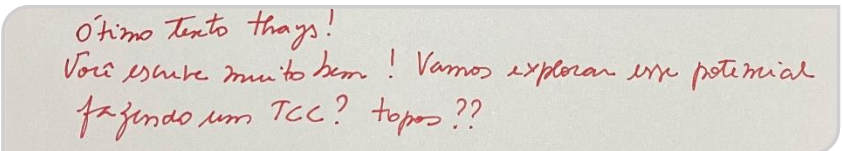
interessar pelas do autor Ziraldo. Na minha escola do Ensino Fundamental, Escola Municipal Licurgo de Oliveira Bastos, eu fui frequentadora assídua da biblioteca. Devo ter lido a maioria, se não todos os Almanques do Menino Maluquinho e outros livros que eram indicados.

Depois de um tempo aquelas narrativas não estavam mais me satisfazendo, e passei a ler de dois a três almanques em duas horas. Comecei a ler livros maiores, de 200 a 300 páginas. Lembro que o primeiro livro que li com muitas páginas foi *“Uma professora Muito Maluquina”* do Ziraldo, pensando agora me parece irônico e até divertido como esse livro tem um significado para mim, visto que agora estou cursando uma licenciatura e este foi uma indicação da bibliotecária que, com o tempo e com a minha frequência àquele lugar, se tornou uma amiga.

Com o passar do tempo, onde eu estava sempre tinha comigo um livro, uma narrativa, sendo ela de forma digital ou física. E dessa maneira começou meu amor por eles, ler cada vez livros maiores, ler trilogias, ler a *“Saga Crepúsculo”* da Stephenie Meyer. Porém, chegou um momento em que comprar livros físicos não estava mais sendo possível, foi então que comecei a ler livros de pessoas anônimas no aplicativo *Wattpad*².

Assim sendo, foi com essas narrativas que convivi durante boa parte da minha vida. Até que um dia, no segundo semestre de 2019, quando estava cursando a disciplina de Prática de Ensino de Matemática IV, ministrada pela professora Adriana, minha orientadora, que descobri que as Narrativas podem ser utilizadas como um recurso metodológico em pesquisas acadêmicas.

Com um convite deixado no final de um texto produzido por mim, para a disciplina, que comecei a olhar para as narrativas com outro olhar. Comecei a pensá-la para além dos livros que tinha lido, e foquei na ideia de utilizá-la na monografia.



Otimo texto thays!
Você escreve muito bem! Vamos explorar esse potencial
fazendo um TCC? topas??

² O **Wattpad** é uma plataforma que pode ser acessada por meio de um site ou aplicativo de celular. Os usuários podem contar histórias, se conectar com os escritores e com isso ler e escrever histórias originais.

E foi lendo a Tese de Doutorado da minha orientadora que percebi a infinitude da palavra narrativa. Na sua tese Adriana utiliza narrativas de histórias reais e fictícias para compor a sua pesquisa, quando descobri isso fiquei muito surpresa: “Como assim, as narrativas não eram verdadeiras?”, “Como assim, ela inventou a maioria?”. Se ela não tivesse comentado que a ficção estava presente no seu trabalho, eu estaria até agora pensando que as inúmeras experiências relatadas eram reais. Dessa maneira, entendi como poderia utilizar a ideia de narrativas para desenvolver pesquisas acadêmicas.

Assim, começou a nossa busca por conhecimentos novos, falo nossa por estarmos desenvolvendo este trabalho em conjunto, mas creio que essa busca seja mais para mim, visto que estou no processo de amadurecimento neste assunto. Comecei a me abrir para a aprendizagem sobre as narrativas, os primeiros textos que li foram dos autores Christine Delory-Momberger e Jorge Luiz da Cunha, dois artigos que fazem parte de um livro que tem como temática a Pesquisa (auto)biográfica. A partir deles tive uma ideia de como seria utilizar este tema na monografia e, tive também a certeza de como eu queria trabalhar com elas, as narrativas.

Depois dessas leituras o primeiro fato que ressignifiquei foi a ideia reducionista de que narrativas são apenas contar uma história, narrar um acontecimento real ou fictício. Segundo Christine Delory-Momberger (2012, p. 82) “a narrativa não é apenas o produto de um “ato de contar”, ela tem também um poder de efetuação sobre o que narra.”. Percebi que, para além do ato de contar algo, posso também aprender com o que está sendo narrado. Depois que entrei neste tema, pesquisar sobre este assunto virou um processo de ressignificação e aprendizagem e me aprofundar nesta temática foi a primeira coisa a ser feita.

Pode-se dizer que a pesquisa (auto)biográfica tem como objeto de estudo o processo de construção do indivíduo num espaço social, e como ele se dá por meio dessas situações e acontecimentos. Podemos dizer que, o objeto de pesquisa aqui é a experiência de vida (DELORY-MOMBERGER, 2012). Mas não podemos dizer que a narrativa é a “vida” que revivemos por meio das memórias, o que podemos afirmar é que são um relato dela. Ela tem como possibilidade a descrição da vida em memória, sendo este processo um exercício de interpretação e reinterpretação de si (CUNHA, 2012).

No começo pensei que este trabalho seria um texto que eu descreveria desde quando nasci até a minha situação atual, e de fato este foi o primeiro processo na

construção dessa monografia, tal como apresentei no texto *“Uma biografia ou uma narrativa de tudo?”*. Na minha concepção o ato de biografar-se seria isso. Não imaginava que a pesquisa (auto)biográfica tem o seu tempo biográfico e que esse não precisa ser, necessariamente, cronológico. Posso escrever sobre hoje e ao mesmo tempo voltar para a minha infância, e com isso passamos a pensar em episódios significativos da minha vivência na universidade, porque a narrativa

[...] não se limita mais apenas ao ponto de vista retrospectivo da rememoração ou da reconstrução do passado, ela é também o modelo de inteligibilidade da experiência presente, assim como permite dar uma forma ao futuro próximo ou longínquo. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 74)

Eu, como indivíduo em construção, busco falar sobre as minhas experiências, como elas marcaram a minha caminhada e como isso reflete todo esse meu caminhar. Estou em um espaço social, que por meio das minhas narrativas me permite integrar, estruturar e interpretar esses acontecimentos. A pesquisa (auto)biográfica pode ser interpretada como uma busca por (auto)conhecimento e uma maneira de me interpretar por meio das vivências marcantes da minha construção como indivíduo.

A pesquisa biográfica teria, assim, por tarefa compreender como “o caminhante constrói a paisagem” mas, da mesma forma também – visto que é a mesma coisa – como “a paisagem constrói o caminhante”, em outras palavras, como o indivíduo, no decurso de suas experiências no tempo, ao mesmo tempo que produz em si mesmo e fora de si mesmo o espaço do social, se constitui a si mesmo como indivíduo singular. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 73)

Estudar e pesquisar as narrativas (auto)biográficas é uma constante tentativa de busca por referências em si e de si por meio das memórias, sendo uma interpretação da interpretação. Um dos meus medos na construção deste trabalho, que com o passar do tempo foi sendo diluído, é o de construir um texto em que nele apareça apenas a minha história de vida, a minha biografia. E surgiram várias inseguranças no processo de escrita dos episódios: “Devo colocar este episódio? O que ele fala sobre a minha formação? O que posso, talvez, vir a aprender ou ressignificar com esta memória?”. Entrei em uma espiral de insegurança, comecei a questionar minhas vivências, e na maioria de minhas leituras os artigos iam trazendo um acalento para o coração inexperiente dessa pesquisadora em construção.

Quem passa pela experiência de contar a própria história toma consciência das (im)possibilidades e (in)consistências da narração, características que também se permite visualizar em outras narrativas biográficas. (CUNHA, 2012, p. 104)

Tenho plena consciência de que nem tudo pode ser dito, escrito ou narrado, porque a narração é a condição da minha interpretação, é a minha possibilidade de me investigar. Passei a olhar meu trabalho como uma possibilidade de examinar o meu passado, por meio dos conhecimentos adquiridos por mim no presente. Sendo esta uma maneira de compreender a minha caminhada. Às vezes, imagino a monografia como uma possível busca pessoal por respostas, imaginando que quando escrevo, milagrosamente, vou me constituindo uma professora, com uma tabela do que posso fazer ou não, como se esse trabalho fosse um manual de como me portar como futura docente. Mas isso é uma falácia, uma maneira equivocada que, às vezes, penso este trabalho, que é muito mais uma busca por meu próprio conhecimento, por meio de rememorações de minha vivência no espaço-tempo em que estou.

A autobiografia é uma narração sobre a vida de um indivíduo, escrita por ele próprio, sob a forma documental, ou seja, é uma prosa, que uma pessoa real faz de sua própria existência, acentuando a vida individual, em particular, sobre a história de sua personalidade. (LIRA; PASSEGGI, 2021, p. 5)

E essa busca por conhecimento de si, permite que a narrativa possa organizar esse diálogo interior (SOUZA, 2006). Na escrita dos meus episódios busco uma possível compreensão, da Thays, naquele momento. Por que se calar? Por que falar? Por que ignorar? Por que aceitar? São questionamentos que hoje faço pensando nas minhas memórias, que estão sendo escritas justamente para que consiga produzir ressignificações e as narrativas têm me mostrado essa possibilidade.

a escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si. (SOUZA, 2006, p. 14)

Ao fazer esta análise de ressignificar e reinterpretar minhas vivências, tenho a possibilidade de colocar em evidência outras emoções que antes não tinha percebido. Sendo assim, uma maneira de me reinventar nessa escrita por meio das narrativas (auto)biográficas. Esse processo de construção e análise das narrativas, me permite

ressignificar os olhares que tenho de mim mesma. E essa narração não é uma descrição fiel do acontecimento, mas sim, como ele foi sendo construído pelo narrador, que neste caso sou eu. Posso dizer que as narrativas de si, me dão a possibilidade de escrever e, ao fazer isso vou construindo uma figura de si (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011) e me torno sujeito e autora da minha própria história. Por meio delas, eu posso construir o meu lugar no mundo, minhas ações e repercussões e até as minhas capacidades (LIRA; PASSEGGI, 2021).

Segundo Souza (2006) “narrar é enunciar uma experiência particular refletida sobre a qual construímos um sentido e damos um significado”. Durante esses estudos sobre narrativas, narrativas biográficas e narrativas (auto)biográficas, houve uma palavra que se fez presente em todos os momentos das leituras: *experiência*. Segundo alguns autores, já citados neste texto, as narrativas são o meio de expressar e interpretar os conhecimentos produzidos pela experiência. E quando falamos dela, Larrosa (2020) deixa claro que ela, a experiência, é a própria existência; algo inerente à vida. Porque quando falamos dela, a experiência, nos referimos a tudo aquilo que conseguimos produzir significado a partir da mesma.

Quando minha orientadora sugeriu de trabalharmos com episódios de minhas vivências acadêmicas, a primeira dúvida que me surgiu foi: “Quais episódios irão compor a minha monografia?”, e isso ficou na minha cabeça durante um bom tempo, essa angústia que surge quando começamos algo novo e que não estamos familiarizados, foi assim que me senti nas primeiras reuniões com a Adriana. Foi quando ela me falou que seria interessante fazer a leitura do livro *“Tremores: escritos sobre experiência”* de Jorge Larrosa, visto que este foi fundamental no seu processo de escrita da tese de doutorado e que talvez pudesse também me ajudar nesse momento. Lembro-me, ainda, em uma dessas reuniões ela ter me dito, depois de eu ter perguntado se eu poderia escrever sobre qualquer vivência acadêmica, *“Thays, no campo da pesquisa pode tudo, mas não pode qualquer coisa!”*. E quando comecei a leitura deste livro, entendi o porquê de ela ter me dito isso. Não era para escrever sobre qualquer vivência, e sim, escrever sobre as minhas experiências acadêmicas. Já tinha tido contato com esta palavra, mas não dá maneira que estou tendo agora. Quando a minha orientadora falou sobre escrever de acordo com as experiências, não estava entendível, pelo menos para mim, qual era o “peso” de utilizá-la na monografia. Porque, segundo Larrosa (2020, p. 18) “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. E foi assim que comecei a pensar em episódios que me

marcaram, episódios em que eu poderia produzir significados e uma interpretação, porque a experiência é algo que mexe conosco.

Antes de realizar a leitura deste livro a palavra experiência tinha um outro sentido para mim, e que está bastante presente nas nossas falas cotidianas, algo do tipo quanto mais experiência tenho em determinado assunto, mais qualificado estou para realizar tal ação. Lembro de estar na sala de estudos e os meus colegas falarem: “Thays, você que tem *experiência* em fazer slides me ajuda aqui!”, e era assim que eu pensava a experiência, saber fazer algo muito bem. E depois de realizar a leitura, quando penso nas minhas experiências, me refiro aos ressignificados que posso, talvez, obter quando as relembro. E ao revivê-la sempre há algo que possa me fazer pensar e me transformar. A depender do momento em que estou vivendo, quando revisitadas, as experiências sempre têm algo novo para me ensinar.

A experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma ou me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade [...] A experiência é o que forma, a que nos faz como somos, a que transforma o que somos e o que converte em outra coisa. (LARROSA, 2020, p. 48)

É importante salientar que o termo experiência, que vem sendo mencionado desde o começo deste texto, é tomado segundo a perspectiva de Jorge Larrosa. Porque experiência é tudo aquilo que nos marca. Se não nos marcou não podemos dizer que houve de fato experiências, e sim vivências pelas quais passamos. São momentos vividos que dão sentido ao que somos e ao que nos acontece, não se trata de algo que pode ser experimentado, mas apenas vivenciado. A noção de experiência que defendemos nos permite falar sobre fragilidades e vulnerabilidades.

Dessa forma, “A experiência que tenha sentido para o sentido da formação só pode ser aquela que lhe toca, que lhe proporcione elaborações de sentir-se ele mesmo, que lhe signifique caminhar para si.” (FREITAS; ABRAHÃO, 2017 p. 55). Vale ressaltar que quando falamos de experiências não dizemos apenas daquelas que nos geram sentimentos bons, mas também daquelas que nos afetaram de forma negativa. Larrosa (2020), em nenhum momento, se limita a produzir qualificações do tipo experiências boas ou ruins, positivas ou negativas. Do mesmo modo, interesse-me mais em saber quais significados obtenho quando escrevo as narrativas dessas experiências, ou ainda, quando experiencio narrar esses episódios.

Depois de ter estudado sobre essa temática posso dizer que as narrativas são um meio para construir a experiência uma forma de interpretar esses conhecimentos produzidos, se tornando uma dupla forte que não só compõem esta pesquisa qualitativa, que está sendo desenvolvida, como também é o embasamento para essa produção. Por isso, ousamos afirmar que as narrativas podem ser uma forma de entender a experiência, se é que esse entendimento seja, de fato, necessário.

Tenho que falar das coisas que me tocam!! Porque a experiência é isso, é falar sobre essas vivências que me trazem algum sentimento que no momento que aconteceu me faltaram palavras. Experiência é falar sobre o experienciar das vivências!

De acordo com o que foi conversado sobre narrativas (auto)biográficas e experiência, posso dizer que chegou o momento de utilizar as (auto)biografias para falar sobre alguns episódios que narram minhas experiências de acordo com os sentimentos que são produzidos para que possamos, talvez, produzir algum significado.

Episódio 1:

ALGUNS MOVIMENTOS DE COMO NÃO SER UM PROFESSOR

*“Nós medimos a importância da coisa, sobre o ato e o efeito
que ela causa em nós.”*

(Manoel de Barros)

Quando no Ensino Médio escolhi cursar Licenciatura em Matemática, meu mundo começou a girar em torno de números. Eu não me sentia bem em ter um bom aproveitamento em Filosofia ou História, nas matérias de humanas; não parecia certo gostar dessas disciplinas, só era permitido Matemática, Física e talvez Química. Infelizmente, muitos professores de Matemática falaram coisas do tipo: “Tudo bem você estudar um pouco mais a fundo sobre a Segunda Guerra Mundial, mas você já consegue elencar todas as propriedades de Potenciação? Você não foi muito bem na prova de Logaritmo, que tal focar nisso?”.

Essas falas reforçam o discurso de que a Matemática precisa de uma dedicação maior em comparação com as outras disciplinas, por ser considerada “difícil”. Questionamentos como esses me fizeram pensar se seria certo, nas minhas horas vagas, ler um livro, já que os únicos números que apareciam eram os dos capítulos e das páginas, gerando assim uma separação entre as áreas de conhecimento, se gosto das matérias de exatas então não domino a Língua Portuguesa. Tais “conselhos” foram se tornando cada vez mais forte no meu dia a dia, até chegar ao ponto de parecer natural não saber utilizar a vírgula, o ponto e vírgula, porque afinal na Matemática não precisamos disso.

Quando cheguei na graduação, tive que escrever relatórios de estágios, síntese de livros, resumo de artigos, resenha sobre documentários e tudo isso fazendo uma ligação com o ensino e a aprendizagem da Matemática. Então, é preciso sim saber usar a pontuação corretamente, dominar a Língua Portuguesa. Conheci muitos acadêmicos que odiavam as matérias pedagógicas, mesmo cursando uma licenciatura. Muitas vezes faziam relatórios usando uma

[...] língua de ninguém, uma língua neutra e neutralizada, uma língua sem sujeito, uma língua que não se dirige a ninguém (LARROSA, 2020, p. 59)

E ainda julgavam as pessoas que gostavam dessas disciplinas das ciências humanas que compunham a grade curricular do curso. Quando alguns professores me pediam para ler e escrever eu ficava confusa, porque havia aceitado uma ideia inicial e equivocada de que no meu curso só haveria números, que eu teria de interpretar apenas em situações problemas e que escreveria somente as definições Matemáticas.

Fazer as disciplinas que eu teria que praticar meu lado leitora e, de certa forma, escritora foi minha válvula de escape, por assim dizer. Eram nesses momentos que eu dava minha opinião, que podia dialogar, mostrar minhas angústias, e me sentia mais próxima da profissão. Eu vejo a importância das disciplinas específicas do mesmo modo que as disciplinas que nos levam a discutir e argumentar sobre fatos atuais, pois isso faz com que vivamos a profissão. Durante esses cinco anos da minha graduação, apenas duas disciplinas que cursei me permitiram tais atos. E agora percebo como essa ausência de discussões e conexões entre Matemática Pura e Aplicada e a Educação Matemática falam sobre meu curso, sobre como a formação de um professor de Matemática é pensada e concebida por aqueles que nela atuam.

Como um curso que tem como objetivo formar professores que num futuro próximo irão formar novos cidadãos pode dedicar tão pouco tempo de sua carga horária à disciplinas que nos façam pensar sobre processos educativos, sobre políticas públicas, sobre o papel da Matemática na sociedade, sobre as diversas áreas que compõem a própria Matemática? O esperado seria que todas as disciplinas ou quase todas, de alguma maneira, correlacionassem essas áreas e não as separassem, gerando uma disputa em saber qual é melhor ou mais importante, sendo que todas em conjunto formam o professor de Matemática. Acredito que essa prática possa gerar alunos que não questionam, que não enxergam o que está acontecendo ao seu redor e isso atrapalha demais o decorrer da formação, pois quando temos docentes que trabalham com as duas áreas em conjunto, eles são questionados: “Texto de novo nessa aula? Por que passar esses documentários? Qual o intuito de fazer resenha/síntese/resumo desses textos? Um texto de vinte páginas, será que ela pensa que temos apenas essa disciplina?”.

As disciplinas que cursei me permitiram ser questionadora, me expor colocando o que acho certo ou errado, mas mais do que isso, elas me deram um lugar de fala, que durante um bom tempo estive adormecido.

Atualmente, depois de alguns anos de vivência nesse meio acadêmico consigo ressignificar várias bagagens que foram sendo colocadas na minha mochila. Agora penso que tudo bem não saber todas as propriedades de logaritmo de cor e salteado, tudo bem gostar de ler, tudo bem gostar de escrever, tudo bem fazer relatórios extensos, tudo bem fazer uma Monografia de graduação voluntária.

Às vezes me questiono: Será que se eu pudesse, eu faria a faculdade todinha novamente? Não sei! Até o momento foram cinco anos de graduação e quando foi pedido para eu escrever sobre fatos que passei no decorrer do curso, minha cabeça ficou em branco como se tivesse passado pela Universidade sem ter alguma experiência (LARROSA, 2020) e quando passamos por situações em que não somos tocados não caberia considerá-las como experiências, pois o que consideramos é a relevância desses acontecimentos em nossas vidas e, nessa perspectiva, seria mais interessante nos referirmos a elas apenas como vivências. Então sim, se pudesse faria o curso todinho novamente, apenas para aproveitar melhor todas as minhas vivências e tentar ao máximo fazer delas experiências, me colocando no curso de modo mais intenso e assim poder questioná-las assim que vividas.

Sempre pensei na Universidade como um lugar de liberdade, de festas, de encontros, de amizades verdadeiras ou não. Além, é claro, de ser o lugar onde nós aprendemos uma carreira que vamos levar para a vida toda. Pensei que seria um ambiente acolhedor, com pessoas acolhedoras, sendo elas professores ou não. Mas nem sempre foi assim. Porém, não posso ser injusta e colocar todos no mesmo patamar, agradeço por estar cercada, na maioria das vezes, por pessoas acolhedoras.

A primeira lembrança que tenho quando falo sobre acolhimento foi quando estava cursando a disciplina de Cálculo III. Mas, para falar sobre esse episódio tenho que voltar no tempo um pouquinho e falar sobre quando estava cursando Cálculo II. As duas disciplinas foram cursadas em 2019, sendo uma no primeiro semestre e outra no segundo. Quando estava fazendo Cálculo II, decidi que não tinha mais tempo para brincadeiras e que reprovar não estava mais nos meus planos. O discurso sobre reprovação é um dos primeiros assuntos que escutamos, logo após recebermos dos veteranos uma lista com os nomes dos professores que devemos evitar. Assim que entrei, já sabia, porque me foi dito, que eram poucos os alunos que passariam de todas as disciplinas sem reprovar e com isso fariam o curso nos quatro anos previsto. Esses eram conhecidos como os “fora da casinha”. Acabei vestindo a capa de que reprovar era normal, e com isso duvidei da minha capacidade de ir contra essa

estatística. Depois da disciplina de Cálculo II, percebi que esses “conselhos” que recebíamos dos veteranos dependiam de pessoa para pessoa, e que se eu tomasse as frustrações do outro para mim nunca terminaria a graduação, ou mais, não teria a possibilidade de passar nas disciplinas na primeira vez que as cursava. Então, por isso decidi abandonar a ideia de reprovação.

O ano de 2019 foi um desastre de várias formas, no primeiro semestre minha madrinha morreu de câncer e no segundo semestre minha avó morreu depois de ter tido sete paradas cardíacas. O professor que estava ministrando a disciplina de Cálculo II, não tinha uma boa fama, por assim dizer, e tinha provado nas aulas que paciência não era uma das suas melhores qualidades e que o seu modo de operar era o humor ácido. Como esperar acolhimento de uma pessoa que na sala de aula não tinha a preocupação de tirar dúvidas, caso julgasse que essas eram bobas. No entanto, apesar de tudo isso, ele me surpreendeu! Um dia antes da primeira prova, estava na faculdade revisando o conteúdo e recebi uma ligação da minha irmã com uma das piores notícias, minha madrinha não tinha conseguido vencer o câncer que se alastrou por todo o seu corpo. Minha cabeça não pensava em mais nada, não tive coragem de falar com o professor e dizer que não estava emocionalmente bem para fazer a prova que aconteceria no dia seguinte. De fato, não consegui falar com ele e nem resolver a prova. Mesmo sabendo o conteúdo e como resolver as questões, só conseguia chorar.

Minha nota foi péssima, e depois das minhas amigas falarem que eu tinha que ir até a sala dele falar o porquê dessa nota, eu fui e me surpreendi. Ele teve empatia pela minha situação, e perguntou se eu queria fazer a prova novamente e questionou o fato de eu não ter conversado com ele antes. Isso me marcou demais, porque eu quero ser esse tipo de professora, a que se importa e se preocupa com seus alunos. Não é sempre que estamos bem para realizar algumas tarefas e isso não significa que não saibamos realizá-la. Depois dessa conversa com ele, o jeito que eu o via mudou completamente, eu passei a gostar e defender o professor que poucos gostavam.

Como dito anteriormente, durante um bom tempo da minha graduação, eu dava muita importância ao que os veteranos me falavam: “Não faz matéria com fulano”; “Nossa, com esse professor é quase impossível de ser aprovada”; “Esse não tem didática para ensinar”; “A prova dele é impossível de ser feita”. Algumas dessas falas são sim verdadeiras, mas não devemos taxá-los de acordo com a vivência do outro, é importante passarmos por algumas situações para termos enfim maturidade para

analisá-las. E, às vezes, criamos barreiras, as colocamos e até mesmo realocamos sem de fato vivê-las, apenas porque ouvimos a opinião do outro. O docente que ministrava a disciplina de Cálculo II, era no começo de difícil convívio em sala de aula, mas depois de um tempo consegui olhar para ele por outra perspectiva.

No início, eu estava com barreiras com o professor e creio que ele também estava receoso com a turma. Porque eles sabem que as conversas que os alunos têm nos intervalos, no tempo livre, no horário de almoço são sobre suas condutas na disciplina, e elas de fato circulam com muita rapidez. Isso não anula o que passamos no começo das aulas, o medo de fazer questionamentos ou até mesmo o sentimento de “burrice”, já que as nossas perguntas eram consideradas bobas. No entanto, isso me deu a possibilidade de conhecê-lo sem toda a bagagem que vinha trazendo a seu respeito.

Tudo que podia fazer na disciplina eu fiz, estudei muito, frequentei a sala do professor para tirar dúvidas e consegui, fui aprovada na disciplina quando fiz a prova optativa e consegui a nota que eu precisava. Eu nunca tinha me sentido tão realizada, foi naquela disciplina que parei de duvidar da minha capacidade, parei de desistir das matérias e comecei a acreditar no meu potencial.

Depois dessa injeção de ânimo, estava superpreparada para fazer Cálculo III no semestre seguinte. Me matriculei para fazer a disciplina com uma professora que todos amavam e idolatravam. Na minha concepção, seria “fácil” cursá-la porque a docente era considerada por muitos uma professora amiga. Não posso negar que ela explica muito bem o conteúdo, daquele tipo que fala e de forma natural entendemos. Eu estava estudando, entendendo e gostando da didática da professora. O dia da prova se aproximava, e naquele semestre eu havia me matriculado em sete disciplinas, havia sempre muito o que fazer e estudar. Eu não tinha tempo de ficar com a minha família, durante a semana estudava na faculdade o dia inteiro e voltava para a casa à noite, e nos finais de semana estudava na casa de colegas. Acabei não aproveitando os últimos momentos da minha avó, e isso é uma das coisas de que mais me arrependo, mesmo sabendo que onde ela estiver está torcendo por mim e muito orgulhosa da mulher que venho me tornando. Coloquei a graduação acima de qualquer coisa e esqueci de certa forma das pessoas que eu mais amava. Só queria terminar logo a graduação, e reprovar significava que teria que ficar mais um tempo na universidade, e para ser sincera naquela época não estava mais aguentando aquele ambiente, que vinha se tornando cada vez mais sufocante.

Era uma quinta-feira, após a pausa e descanso do almoço, eu estava sentada na sala de estudos quando minha irmã me ligou falando que a ambulância tinha acabado de sair da casa da minha avó a levando e que era melhor eu ir para casa, porque a situação era grave. Entrei em desespero, comecei a chorar e fiquei sem rumo, naquele momento tinha perdido totalmente os meus sentidos e entrei em choque. Comecei a arrumar minhas coisas chorando, e querendo ir embora logo; preocupada comigo, minha amiga me levou para casa. Foi a pior tarde da minha vida, ficar sentada sem receber uma informação sequer, até que ela chega e traz o que já esperávamos e não queríamos aceitar. Minha avó morreu naquela tarde de quinta-feira. A prova de Cálculo III seria no outro dia.

Tinha uma decisão a tomar: fazer a prova ou ir ao velório da minha avó, e pela primeira vez naquele ano escolhi minha família. Como todos já haviam dito que a professora era amiga e muito coerente, então acreditei que ia dar tudo certo. Quando voltei para a faculdade na segunda-feira, fui direto na sala dela para contar o porquê de eu ter faltado a prova. E o que ela me falou, me quebrou mais do que eu já estava quebrada. Expliquei minha situação e perguntei se teria como eu fazer a prova outro dia. Ela me falou que se importar com todas as particularidades dos seus alunos a deixaria louca e desse modo não poderia fazer nada já que todos nós temos problemas. Me disse que o certo era tratar todos da mesma maneira e assim não poderia abrir uma exceção comigo. Disse que sentia muito pela minha perda, mas ainda tinha três provas incluindo a PO para eu recuperar esse zero que eu tirei. Neste semestre, reprovei nesta disciplina.

Hoje fico pensando como um simples gesto de empatia do professor ou a falta dela, pôde mudar todo o meu caminhar enquanto acadêmica. Antes desses acontecimentos eu não daria tanta importância para o fato de um docente se sensibilizar por uma aluna e o outro não mostrar nenhuma empatia. Venho de escolas públicas, em que conhecia a maioria dos professores e da parte administrativa também, nunca tinha passado por situações assim, o que é maravilhoso, então não esperava essas atitudes na graduação. No entanto, se colocar no lugar do outro é o que se espera de qualquer pessoa, é o que se espera de um educador. E como futura educadora me coloco no lugar dessa professora. Quando fazemos um curso de licenciatura, sempre ou na maioria das vezes, tem por trás algum docente da época escolar que te inspira e que num futuro iremos espelhar suas condutas em sala de aula. E tudo isso é baseado em nossas experiências e em nossas vivências que

carregamos para qualquer lugar, em alguns momentos elas são silenciadas e em outros gritantes, que estão ali apenas esperando para serem colocados para fora. Fico pensando que essa professora de Cálculo III talvez tenha passado por experiências que a fizeram concluir que é melhor agir desse modo e não de outro.

Não quero arranjar justificativas para os fatos, ou ainda, explicá-los. Quero fazer uma análise de minha postura mediante essas experiências. Tais momentos, de forma isolada, me fizeram defender um professor que todos julgavam como pouco acolhedor e me fez deixar de gostar de uma professora considerada amiga dos alunos e tudo isso por conta de minha experiência pessoal. Isso fez com que eu “passasse pano” nas grosserias do professor de Cálculo II e condenasse a professora de Cálculo III. Agora, olhando para minhas atitudes, me sinto um pouco injusta, porque deslegitimei as dores do outro mediante suas vivências com tais professores, porque não é mal ter essas dores, esses sentimentos, mas também não faz mal olhar para outras além das que já temos. Segundo SKLIAR (2003), alguns momentos que passamos é uma questão de escutar, e não de concordar. E, não fiz isso, não me coloquei no lugar dos meus colegas de curso quando defendia ou condenava esses professores. Como as minhas condutas são baseadas em uma cultura egocêntrica, que me faz colocar apenas minhas dores/vivências/experiências como legítimas, as que devem ser consideradas porque as vivi, não levei em consideração o outro. E isso diz sobre mim, sobre a nossa sociedade e como essa cultura está enraizada em nosso dia a dia.

Então, escrevo esse episódio para compartilhar ou até mesmo dizer algo para mim mesma e, se possível, ao outro. Esses acontecimentos me marcaram e mostraram o modo como somos afetados por nossas experiências e isso me fez repensar sobre minha profissão e como quero guiá-la. Eu quero ser a professora que demonstra respeito e afeição pelos alunos, quero conseguir legitimar todas as dores, ou quase todas, quero tratar todos com dignidade e amor porque nem sempre sabemos o que cada um passa em suas casas. Então, ser professor também é se importar com seus alunos. É questionar nossa postura diariamente e aprender com aqueles que ensinamos.

Episódio 2:

THAYS, VOCÊ É NEGRA, VOCÊ NÃO É BRANCA!

"Você se lembra de quando foi racista com uma preta ou um preto? Não precisa contar pra ninguém. Só tente não repetir."

(Bianca Santana)

*"todas as revoluções
que eu desejo
começam em mim"*

(Ryane Leão)

Em uma das minhas seções diárias de entrar no site da Amazon e colocar no carrinho milhares de livros que talvez um dia eu irei comprar, achei um que o título, além de me chamar a atenção, foi um gatilho para lembrar de episódios que vivi na minha infância e adolescência. Apesar de estar no caminho para me tornar adulta esses episódios não se fizeram ausentes. O livro se chama: "Quando me Descobri Negra" de Bianca Santana*, e ele me trouxe lembranças da época em que eu não me aceitava e não me reconhecia como uma criança negra. E eu pensava desse modo não por falta de conversas, minha mãe sempre me falou da importância da autoaceitação, mas eu, uma criança com cinco anos, só queria fazer parte da maioria que é bem aceita por todos na sociedade, os que passam o tempo todo na televisão, os "vencedores", os brancos.

* PAUSA PARA A REPRESENTATIVIDADE...

Um pequeno spoiler desse livro
que me marcou por eu ser uma
mulher negra!

- Para ter acesso basta ler



Infelizmente, essa ideia de os brancos serem os vencedores, o grupo a ser alcançado e almejado, esse discurso de inferioridade de raça surge no período da escravidão em que os brancos eram os senhores, os poderosos, os donos e os negros os serviçais, a mão de obra barata, os escravos que nasceram para ser mandados,

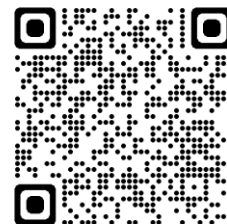
os que não tinham um papel significativo na sociedade daquela época, mas que agora vem alcançando na comunidade atual. E assim que uma criança negra nasce, assim que eu nasci e passei a ter um entendimento do mundo, os discursos que foram surgindo em minha casa foram sobre aceitação, racismo e sobre a história por trás da nossa cor.

Depois que conheci um pouco da história que os meus ancestrais foram submetidos a escrever, onde o papel era a pele dilacerada pelas chibatadas e o lápis o sangue que escorria nos troncos e nas senzalas, e foram obrigados a aceitar, eu não quis ser vista como negra, não me aceitei, não quis ser tratada como os meus ancestrais foram tratados, e que infelizmente ainda são, só que de uma forma mascarada e velada pelas pessoas hoje em dia. E quem iria querer? Pensa como funciona a cabeça de uma criança que acaba de ter conhecimento de como as pessoas do mundo são e de como ela vai ser tratada cedo ou tarde. Por que eu iria querer ser excluída, não ter amigos, se sentir inferior, desprezada e sofrer abusos psicológicos pelo simples fato de falar “EU SOU NEGRA”? Para mim, naquela época, era mais fácil tentar e fingir ser outra pessoa do que me aceitar. Hoje percebo a importância de se sentir representada, até mesmo nos livros infantis com protagonistas negros^{*}, aos quais tive pouco acesso.

* PAUSA PARA UM CAFÉ COM LEITURA...

Hoje temos Clube de assinatura, e por meio deles recebemos em casa livros para crianças pretas!

- Para ter acesso basta ler



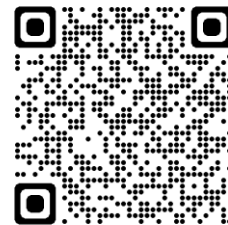
Achei que não me aceitar como negra, automaticamente, me tornaria branca. Como se eu pudesse escolher que raça eu “usaria/vestiria” naquele dia, até que chegaria um momento em que me sentiria bem com alguma e aceitaria de peito aberto, mesmo não sendo a minha. Então sim, eu quis ser branca e acreditei que eu era. Assim que vi esse livro as minhas memórias se fizeram presentes e foi como se um caminhão da realidade tivesse passado, novamente, em cima de mim trazendo todos os sentimentos da Thays daquela época, para a de hoje. Ainda não comprei e nem li este livro, mas na minha lista de prioridades este com certeza ocupa o primeiro

lugar ou talvez o segundo. Ouso dizer que até o final da escrita da minha monografia, já terei lido este livro³, e que me ajudará nesta escrita, que para mim é considerado um choque de realidade, representatividade e aceitação, mostrando o poder que um título tem. Penso sobre isso, porque o único livro que li durante toda a minha infância que mencionava a paixão pelo meu tom de pele foi “Menina Bonita do Laço de Fita” da Ana Maria Machado*, e perdi as contas de quantas vezes eu li este livro tentando entender o porquê de o coelho querer ser negro.

* PAUSA PARA UMA HISTÓRIA...

Esse livro é fantástico! Se ainda não leu, precisa fazer isso agora, vou te ajudar aqui tem um pouquinho dele...

- Para ter acesso basta ler



Quando nos reunimos em família, ou melhor, quando podíamos nos reunir porque na atual situação que estamos vivendo, a pandemia de COVID-19, causada por uma nova espécie de coronavírus, nos impede de estar junto daqueles de amamos. Nessas reuniões, uma das histórias que mais ouvia e que gerava gargalhadas em massa, era o fato de eu não aceitar que as pessoas falassem que eu era negra, porque na minha cabeça eu era branca de olhos azuis, o que claramente não sou. Nessa época eu tinha quatro ou cinco anos e falar isso para mim era motivo de choro e birra, simplesmente pela falta de representatividade. Como dizer que eu era negra, sendo que fora da minha casa o mundo era branco? E que eu seria uma menininha negra em um mundo totalmente branco. Até um tempo atrás, quando relembávamos isso, eu ria junto e pensava: “que criança mais doida”. Mas, a palavra doida de maneira nenhuma me defini nessas lembranças, o que posso dizer aqui é da falta de representatividade que vivi desde a minha infância, e do racismo que está impregnado nas pessoas, que não é um preconceito individual e sim estrutural e, que só agora tenho percebido algumas mudanças nessa direção em nossa sociedade que é, de modo geral, estruturalmente preconceituosa. “O racismo é, portanto, um sistema

³ De fato, agora no final do trabalho, já o li e o recomendo para todas as pessoas negras que em algum momento não gostavam da sua cor e para as pessoas brancas também, para que entendam o quanto importante é para um negro se identificar com sua cor ao assumi-la.

de opressão que nega direitos, e não um simples ato da vontade de um indivíduo.” (RIBEIRO, 2019, p. 12).

As pessoas não têm noção de como esses “pequenos” detalhes fazem total diferença na vida de uma criança, no meu caso, uma criança de pele negra. Nunca durante a minha infância tive uma boneca negra*, talvez seja por isso que, inconscientemente, eu não comprava bonecas. Sempre comprei os brinquedos relacionados à cozinha. Como eu teria uma boneca para chamar de filha, que não se parecesse comigo? Que não apresentasse nenhum traço meu? Aqui não estou deslegitimando a importância de um ato de adoção, por exemplo, e sim pontuando a importância de uma criança se enxergar em seus brinquedos, e como a representatividade é importante para elas. Como é triste não ver suas características em nenhuma das bonecas que estão à venda nas lojas de brinquedos.

*PAUSA PARA BRINCAR...

“As bonecas reproduzem pessoas, contam suas biografias e apresentam a diversidade que a população brasileira tem” (Jaciana Melquiades - empreendedora)

Além da representatividade precisamos de bonecas negras com preços acessíveis!

- Para ter acesso basta ler



Hoje, fico extremamente feliz de ver a representatividade para todos os lados que eu olho: na apresentadora de um telejornal*, no ganhador de um reality show, na ciência, nas bonecas que agora estão sendo produzidas para representar o negro e a diversidade, nos filmes em que todo o elenco é de pessoas negras, em livros, em músicas, nas redes sociais e na presidência da maior nação do mundo.

Se a população negra é a maioria no país, quase 56%, o que torna o Brasil a maior nação negra fora da África, a ausência de pessoas negras em espaços de poder deveria ser algo chocante. Portanto, uma pessoa branca deve pensar seu lugar de modo que entenda os privilégios que acompanham a sua cor. Isso é importante para que

privilégios não sejam naturalizados ou considerados apenas esforços próprios. (RIBEIRO, 2019, p. 32)

*PAUSA PARA UMA ENTREVISTA...

Conheça um pouco mais dos
nossos(as) jornalistas negros(as)!

- Para ter acesso basta ler



E penso que esse é um dos caminhos de combate à exclusão e ao preconceito. Falas negras sempre existiram em nosso meio, a diferença é que agora vejo mais aberturas para que ocupem espaços até então não permitidos. Vejo na representatividade um dos caminhos para se discutir processos de exclusão e a não aceitação de si mesmo.

Lembro-me de ver o comercial de shampoo e condicionador da Garnier Nutrisse na televisão. Eu assistia àquelas mulheres com os cabelos, que na época, eram considerados ruins, feios e após utilização dos produtos, milagrosamente seus cabelos ficavam lisos, como se qualquer textura diferente dessa não pudesse ser considerada cabelo. Mágica! foi isso que pensei quando vi esse comercial e eu precisava dessa magia, então chorei para a minha mãe comprar esse kit:

— Mãe, vem ver esse comercial. Olha o que esse shampoo e condicionador fez com o cabelo daquela mulher!

— Thays, acorda! Isso é MENTIRA...

— Não é não! Olha lá mãe... Compra esse kit para mim, por favor? Eu quero meu cabelo assim...(Aqui eu já estava chorando)

— Thays eu vou comprar. Mas isso é mentira, vai por mim!

Esse foi um dos inúmeros diálogos que tive com ela, até que de fato o compresse. Minha mãe comprou os produtos da Garnier Nutrisse e o resultado foi o pior possível, meu cabelo ficou horrível, literalmente, não tinha mais os cachos. Perdeu toda a definição dos cachos e ela teve que gastar muito mais, para fazer com que ele voltasse a ser como era, Black Power. Claramente eu não aceitava o meu cabelo afro: “O cabelo liso é mais bonito; prendo ele de qualquer jeito e fica bom; é

fácil de pentear...”, entendo que a “Minha questão com o meu cabelo é obviamente minha. Mas também é de todos nós, brasileiros, que assumimos o liso e o loiro como padrão de beleza.” (SANTANA, 2015, p. 23). E não posso negar que pentear/desembaraçar o meu cabelo Black Power, de fácil não tem nada. Os comerciais faziam de tudo para transformar os cabelos cacheados e afros em cabelos lisos, a tal da padronização. Somado a isso, os grupos que tinham na minha escola do Ensino Fundamental e Médio, me fizeram recorrer ao alisamento, e fiquei nesse processo até ingressar na Universidade. Foram longos dois anos para tirar toda essa química do meu cabelo, tirar algo que não me representava. E me desfazer desse personagem que a sociedade molda, segundo os padrões e estereótipos, foi difícil e doloroso.

Várias pessoas têm dificuldade em apreciar mulheres negras da maneira que somos, porque querem impor uma identidade em nós, baseada em vários estereótipos negativos. Esforços difundidos para continuar a desvalorização da mulheridade negra torna extremamente difícil, e muitas vezes impossível, para mulheres negras, desenvolver um autoconceito positivo. Afinal, somos diariamente bombardeadas por imagens negativas. De fato, uma força opressora forte tem sido esse estereótipo negativo e nossa aceitação dele como modelo viável a partir do qual podemos padronizar nossa vida. (HOOKS, 2020, p. 144)

Com muito orgulho hoje posso dizer que os meus cachos dizem quem eu sou, fazem parte da minha identidade. Entendo toda essa trajetória de busca por aceitação como consequência dos padrões que a sociedade coloca sobre as pessoas, sobre mim, e com isso define características que todos devem apresentar: ser branca, ser magra, ter cabelo liso, peitos e bunda na medida certa, dentes brancos... “Afinal, que etiquetas dão conta do que é uma pessoa?” (SANTANA, 2015, p. 27). Uma gama de estereótipos que devemos apresentar para sermos aceitos nessa sociedade caótica. A padronização é uma chatice!

Segundo Bell Hooks (2020), a falta de aparição e representatividade de mulheres negras em cinema e televisão é uma questão que vem sendo repercutida desde a época após a abolição da escravidão, da alforria. As mulheres negras sempre foram tratadas como mercadoria, seja para o trabalho no campo, na casa grande ou como objeto sexual, tanto para homens brancos como para os negros. Após a abolição não fazia sentido retratar mulheres negras na televisão, sendo que a imagem que elas representavam não era aceita pelas pessoas da época. Depois de um tempo as

aparições de mulheres negras nos canais de comunicação eram retratadas de maneira ridicularizada por sua “feiura”, porque as pessoas brancas só as enxergavam assim. E apesar de estarmos no século XXI, as distorções sobre a mulher negra ainda se fazem muito presentes, causando a diminuição da confiança e autoestima de crianças e jovens negras.

Pensando no comercial que me influenciou e o que Hooks (2020) fala, percebo que a falta de representatividade é uma questão muito mais de racismo estrutural, do que uma questão de padronização. Pensar que mulheres e homens negros, não apareciam nos canais de comunicação por motivos que remetiam à classificação imposta pelos senhores de engenhos, que viam os homens negros apenas para o trabalho no campo, e as mulheres negras como trabalhadoras do lar e serviços sexuais. O que esse povo tem a dizer? Essas classificações tiraram do povo negro o direito de falar e representar sua raça porque os brancos acreditavam que os negros não tinham o que falar, e se tinham, não era importante, não era válido. Então, a falta de representatividade de pessoas negras nesses canais, ainda que hoje exista, é de uma maneira limitada e vem carregada de racismo que vem sendo propagado desde a época da escravidão.

Uma outra situação que vivi foi quando recebemos uma pesquisadora do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em casa para fazer uma pesquisa, ou coleta de dados, cujo objetivo não me lembro. Ela me perguntou se eu era parda ou negra, e eu falei que nem uma e nem outra, afirmei que era branca, e isso na mesma época em que afirmar que eu era branca, era engraçado para a minha família, tinha em torno de seis ou sete anos de idade, e já frequentava a escola. Lembro-me da cara de espanto da mulher: “Branca? Será que essa menina tem espelho?”, imagino que ela pensou isso, só de olhar para ela. Nesse dia eu chorei bastante, porque naquele momento eu comecei a perceber que eu não era igual a maioria que via nos desenhos e nas bonecas. A frase que minha mãe disse na frente daquela mulher me marcou e nunca mais saiu da minha cabeça: “Thays, você é NEGRA! Você não é BRANCA”. Imagino que foi ali que minha mãe percebeu que eu afirmar ser branca não era uma brincadeira, pelo menos não da minha parte. E mais uma vez a não aceitação se fez presente em minha vida, e vejo como ela me afetou psicologicamente a ponto de eu falar que era branca. E isso me acompanhou durante a minha infância e parte da adolescência, no Ensino Fundamental e parte do Ensino Médio.

Enquanto estudei na Escola Municipal Licurgo de Oliveira Bastos, apelidada carinhosamente por LOB, vesti uma “fantasia” que não me representava. Uma fantasia em que eu acreditava não me importar com as falas racistas que escutava direcionadas a mim. A ideia era de que se eu desse risada do preconceito que passava, ele não me alcançaria. Uma fantasia que dizia: “Tudo bem sofrer racismo e preconceitos, eu não ligo, não me importo, dou até risada junto com os racistas!” Iludida, achei que a tinha tirado, abandonado, quando deixei a escola de bairro e fui para uma no centro, mas não, eu só fui tirar essa “fantasia” quando já estava lá pelo segundo ano de faculdade. Na verdade, acho que a tirei pelo fato de conseguir me enxergar representada em vários lugares, pois as questões raciais deixaram de ser tabus na nossa sociedade, tratadas como se não existisse ou não acontecesse. Ao menos, boa parte das pessoas que sofrem esse preconceito pararam de mascarar e começaram a escancarar e não deixar passar o racismo. E, por haver mais falas sobre esse assunto, por ter acabado o medo de colocar para fora, falar o que não gostava, tirei essa “fantasia” porque o receio de falar e a angústia de sofrer não me definem mais.

Durante meus estudos no LOB, eu sofri com o racismo velado, com a não aceitação, tanto minha como a do outro, com o fato de não participar de um grupo por não me enquadrar nas características estipuladas, “O mundo apresentado na escola era o dos brancos, no qual as culturas europeias eram vistas como superiores, o ideal a ser seguido” (RIBEIRO, 2019, p. 24). Sempre escutei da minha mãe que a única coisa que temos no mundo e podemos levar para onde formos é a educação, o ensino e, por causa disso, a escola para mim era/é o lugar onde eu poderia ser alguém, me formaria uma cidadã, o que eu aprendesse ali me faria chegar longe e conseguir coisas grandes. Mas, quando estamos nessa instituição ela é esse lugar, mas é muitas outras coisas também e, em alguns casos, o acolhimento não a define.

No começo da escola, para quem me conhece hoje, pode achar que era outra pessoa. Não me reconheceriam, porque ficar calada diante de falas preconceituosas e não ter um posicionamento diante delas, não são atitudes que a Thays de hoje teria, mas que, naquele momento da minha vida, era necessário para mim. Sempre me sentava nas primeiras fileiras e ficava focada nos estudos, e isso não mudou. Mas ser assim, tirar notas boas e ter uma boa relação com os professores me fez apanhar de “colegas” e me excluiu dos grupos das meninas da minha sala de aula, grupos esses que eram compostos por crianças brancas, de cabelos lisos e roupas da moda. Ser

pobre nunca foi um problema para mim, mas ter que fazer um cronograma para comprar um tênis daqui três meses, que está na moda hoje, me tirou desses lugares. Minha mãe sempre me deu tudo do bom e do melhor, não posso negar, e sou extremamente grata por isso, no entanto isso não acontecia quando eu queria e sim, quando ela podia me dar. Mas essa compreensão é algo que tenho agora, com a maturidade. Na época, esperar que uma adolescente entenda que a calça jeans que ela quer hoje, só poderá ganha-la daqui dois meses é praticamente impossível, porque a calça não é uma futilidade para ela, e sim o caminho para participar de grupos seletos na escola.

Como percebi que nesses grupos de gêneros e classes sociais eu não conseguiria me encaixar, porque na escola não tem um grupo apenas de pessoas negras, e se tivesse seria como colocar um alvo nas costas, busquei na escola por grupos que tivessem a maior diversidade possível, e então praticar esportes* foi o caminho que achei. Pratiquei durante todo o Ensino Fundamental o handebol e o atletismo, e eles me colocaram em lugares em que os outros grupos puderam me ver também. Eu tinha me achado naquele espaço, mas antes de me encontrar eu tentei me encaixar. Penso que a ideia de ter me achado nesse grupo é por causa da variedade de pessoas que a ele pertencia e sem ter a classificação por gêneros. Tinha negros, brancos, pobres, ricos e LGBTQIA+, tinha me encontrado porque sabia que preconceito eu não vivenciaria e não sofreria naquele espaço, costumo dizer que praticar esportes no Licurgo, foi um achado.

*PAUSA PARA PRATICAR ESPORTES...

Você sabe me dizer quantos
negros e negras tiveram sucesso
no mundo dos esportes?

- Para ter acesso basta ler 



Me encaixar... creio que carreguei isso como sendo um empecilho impregnado no meu ser, como se onde eu estivesse sempre teria que estar buscando por aceitação e pertencimento, mesmo que em algumas vezes não precisasse. Neste grupo a maioria das meninas tinham o cabelo liso, e os cachos eram daqueles que a curvatura era mais para o ondulado. Nada parecido com o meu, que é uma curvatura

mais fechada, conhecido como Black Power. Essas meninas que tinham o cabelo ondulado, faziam alisamento e o cabelo chegava a ser confundido como liso. Então, por mais que eu tivesse me achado, eu ainda precisava me encaixar junto com as meninas que praticavam esportes. Alisei meu cabelo com quatorze anos, quando estava no 8º ano do Ensino Fundamental, porque era visto como um problema, não sei se pelas pessoas ao meu redor ou por mim que já tinha colocado o meu cabelo como um empecilho para ter amigos. Eu não era gorda, mas fiz diversas dietas porque queria ser extremamente magra e com isso melhorar meu desempenho nos esportes, coisa que não aconteceria porque minhas características físicas não me permitiriam isso.

Perdi as contas da quantidade de vezes em que chorei no banheiro quando era chamada de negra, cara de cavalo, cabelo de bombril, gorda e feia, “No entanto, atribuir uma qualidade negativa ao fenótipo negro, falando coisas como “cabelo ruim”, diz muito sobre os padrões de beleza racista impostos em nossa sociedade.” (RIBEIRO, 2019, p. 90). Quanto mais me importava, mais sofria. Foi então que construí a tal “fantasia”, quando sofria bullying, invés de demonstrar o quanto me feria eu ria junto com eles e fingia que não me importava, e isso funcionou. Chegou um momento em que eles pararam de me incomodar. Mas em troca eu parei de perceber o preconceito que sofria, de tanto que encenei esse personagem, acabei me tornando-o. Não sei se me acostumei, me tornei ou aceitei esse personagem, ainda não consegui entender bem como naturalizei essa “fantasia”. Mas, com a ajuda dela eu comecei a me soltar na escola. Parei de me importar com o preconceito, porque aceitei, e aqui tenho certeza de que acabei aceitando, que por onde eu passasse ele me acompanharia. Quando se é negro, desvalorização e racismo andam junto, e cedo ou tarde essas situações irão se fazer presente na sua vida. Pensando bem, eu me acostumei com o personagem que criei, porque ele me trouxe um comodismo e aceitação que para mim, naquele momento ou naquela fase, me fez terminar o Ensino Fundamental de forma “tranquila”, sendo que nesta época eu era uma Thays velada.

Foram tantos silenciamentos durante esse período que me lembro de me calar e até mesmo julgar quem dissesse que gostava do cantor Justin Bieber, vejo que precisei me apagar tanto a ponto de negar gostar dele. Assim que ele ganhou visibilidade em 2009 com a música One Time, eu cheguei na escola toda feliz e apaixonada e demorou apenas dez minutos para eu parar de falar sobre ele em tom de paixão e começar a falar em tom desprezo. Em uma roda de conversa disse que

tinha gostado da música e que faria grande sucesso, um dos meus colegas chutou a minha perna e falou “Não me diga Thays, que agora você gosta dessa bicha?”, e foi naquele momento que disse: “Não gosto dele, só achei a música legal!”, foi essa fala que me fez repercutir as falas preconceituosas dos meus colegas. Demorou bastante tempo para que eu falasse abertamente que gostava do Justin Bieber e que escutava todas as músicas dele vinte e quatro horas por dia. Sair de uma escola de bairro e ir para uma de centro me ajudou nesse processo, cheguei nela sem esconder que a minha trilha sonora no ônibus tinha nome sobrenome.

Quando fui para a Escola Estadual Joaquim Murtinho, o JM, não me lembro de ter passado por esses momentos. Eu quero acreditar que eles não aconteceram, pois isso é melhor do que imaginar que me tornei cega, alheia a eles. Em contrapartida, passei por outras situações, e fazer parte de grupos no JM era a minha nova meta. Minha busca por pertencimento hoje enxergo como eu tentando me enquadrar, me padronizar, me aceitar, e fazer com que as pessoas me aceitassem, olhando para a Thays e não para a minha cor, e não como algo que as pessoas me forçavam a fazer. Sempre tive medo de não ter amigos, então fiz de tudo para que isso não acontecesse e, eu pensava que, se fizesse parte de um grupo isso não aconteceria. Então, entendo minha busca por pertencimento a um determinado grupo como uma busca por aceitação diante da sociedade.

O esporte que amava praticar, o handebol, não tinha nessa escola. Havia apenas o vôlei, mas não tenho altura para tal. Sendo assim, o grupo dos praticantes de esporte estava descartado, eu teria que arrumar outra maneira de ser inserida nessa escola. O problema é que uma escola no centro atrai alunos de todos os tipos e de todas as classes sociais. E me enturmar estava se tornando cada vez mais caro, grupos dos que tinham Iphone, dos que tinham roupas e sapatos da marca, das meninas mais bonitas e por aí vai. Comprei um Iphone e comecei a usar roupas de marca, e montei meu próprio grupo e nele podíamos ver uma junção de todos. Me tornei o que eu sempre quis, desde o Ensino Fundamental, me tornei popular. Eu conhecia todos na escola, do diretor até a tia da cozinha, não excluía ninguém, tratava todos bem, uma coisa que aprendi por nem sempre ter recebido tal tratamento.

Como é chato ser popular, foi o que percebi! Passou a ser chato, porque a minha real personalidade, sem a tal fantasia, começou a gritar e eu não estava mais conseguindo sustentá-la e escondê-la, me fingir de fútil e não me importar com as atitudes alheias não estava mais sendo possível, e como fazer isso sendo que esse

personagem me trouxe o pertencimento que eu tanto queria? Então ter que sustentar um personagem durante três anos foi o meu maior desafio. Para a minha melhor amiga, a Juliana, que conheci no JM eu conseguia ser eu mesma. Sem máscara, sem fantasia e sem o personagem, e ela me trouxe para a realidade muitas e muitas vezes durante o Ensino Médio. Tentar me enquadrar foi minha tarefa mais complicada e nessas tentativas eu me perdi, não tinha identidade, era um robô, uma massa de manobra na mão dessa sociedade que busca por clones.

Se sofri racismo ou bullying não me lembro, não estava mais representando, eu tinha me tornado o personagem criado por mim mesma. Eu cometi um dos mais terríveis apagamentos, aquele que é causado por si próprio como se “por um instante o alheio ficasse próximo, e o que chega perto virasse teu próximo.” (SKLIAR, 2014, p. 3), por causa do outro ou da sociedade ou por causa de uma busca incessante por algo. Eu me anulei e me apaguei para agradar quem estava ao meu redor, e principalmente, porque eu não me aceitava e não me achava merecedora de estar ali sem ser com o personagem, porque eu queria pertencer a um grupo em que o racismo e a escravidão não seriam uma das pautas. O preconceito e a discriminação são amplamente disseminados dentro da comunidade escolar que ao invés de discutir sobre a diversidade opta pela exclusão.

Quando entrei para a faculdade, prometi para mim mesma que não teria mais fingimento, eu seria eu, com toda a minha subjetividade. Parei de alisar meu cabelo e coloquei tranças conhecidas como Box Braid, para passar pela transição capilar, processos que mulheres negras, não só elas, mas todas as mulheres que em algum momento decidiram ter o cabelo de outra pessoa, passam para que seus cabelos voltem ao natural. E acreditei, durante o começo do curso, que estava atenta a tudo ao meu redor, que se viesse sofrer algum preconceito não ficaria quieta. Até que aconteceu e eu precisei que minhas amigas me falassem para enfim cair minha ficha. Não foi um processo que eu percebi de prontidão, fui obrigada a reconhecer porque as minhas amigas falaram que eu tinha sofrido uma “brincadeira” racista, elas estavam indignadas e eu estava alheia a situação, sem perceber o que tinha acontecido. E foi assim que comecei a pensar em tirar o personagem que vinha utilizando a tanto tempo, porque eu continuava cega e alheia a essas coisas. Mesmo assim, muitas vezes, durante a faculdade, preferi ficar em silêncio, para não gerar desavenças, do que falar que tal ato e palavras eram racistas, com medo de ser excluída novamente.

No primeiro ano do curso, estava na disciplina de Prática de Ensino de Matemática I ou II, não me recordo com exatidão, a professora tinha pedido que grupos elaborassem jogos matemáticos e que os trouxessem para jogarmos e com isso avaliarmos sua funcionalidade entre os colegas. Enquanto eu estava jogando um jogo de tabuleiro elaborado por meus colegas, sem querer andei uma casa a mais do que o dado havia me mostrado e uma amiga fez um comentário brincando: “Oh, Thays! Você está roubando..”, eu dei risada e falei que tinha sido um engano, uma outra colega que estava em volta do tabuleiro, jogando também, falou: “Claro que ela está roubando, olha a cor dela”, e logo após dizer deu risada, e eu me calei. Quando penso o porquê de ter ficado calada diante da minha colega, só consigo imaginar o silêncio do oprimido (HOOKS, 2020), em que eu aceito o meu destino. Ali eu tinha acabado de viver um episódio de racismo e fiquei quieta.

Em outro momento, fazendo um trabalho para essa mesma disciplina fomos eu, uma amiga e a mesma colega do comentário anterior, na coordenação do curso perguntar se tinha cartolina para realizarmos uma atividade proposta pela professora. Estávamos nós escolhendo as cores da cartolina e eu comentei que não queria a de cor marrom e a mesma menina, que já havia feito um comentário racista anteriormente, o fez de novo dizendo: “Ué, como você não quer a cor marrom, você não gosta da sua cor?”, e minha amiga a indagou falando que esse comentário era racista, ela desmentiu dizendo que era uma brincadeira, foi aí que me posicionei e falei que era sim racista e que eu não havia gostado. Alguns podem me questionar: “Por que não fez uma revolução e a questionou duramente? Você falou só isso? Cadê seus argumentos para combater os atos racistas?”. A blindagem que criei para evitar passar por essas situações, ou apenas fingir que elas não estavam acontecendo, me impediu de fazer mais. Lembro de ter dito a minha amiga, depois de ter passado o episódio em uma conversa nossa, o seguinte: “Se eu começar a reagir em cada momento em que sofro racismo, que escuto essas brincadeiras, minha vida se tornaria uma militância sem fim!”, e isso é muito cansativo e ainda provoca exclusão. Hoje, entendo esse comentário como uma desculpa para me calar diante de pessoas racistas e preconceituosas.

A Thays de agora, em uma conversa, mensagem ou em qualquer forma de comunicação está mais atenta, analisando as falas e as questionando quando necessárias. Mesmo que digam que não são racistas, que não tiveram a intenção, eu reajo porque o racismo é estrutural na nossa sociedade e precisamos estar em uma

constante prática antirracista. Mesmo eu sendo negra, sou racista, pois esse é o modo operacional que a sociedade foi ensinada a seguir e repercutir. Então, militar contra as práticas racistas é o meu modo de vida agora. Em uma sociedade que é racista, todos temos que ter o papel de enfrentar o racismo. Mas naquele momento e com aquele “simples” comentário, minha armadura se rachou e foi ali que prometi para mim mesma que nunca mais me calaria diante de situações tão preconceituosas como essas. “Dessa forma, reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo [...] Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações” (RIBEIRO, 2019, p. 21).

Quando apresentei para minha orientadora a ideia de falarmos sobre episódios de racismos que sofri e depois que contei tais vivências ela me disse algo que tenho levado comigo enquanto escrevo: “A sua monografia é uma grande oportunidade para você responder a essas pessoas”. Pois bem, agora vou fazer o exercício de responder, de maneira tardia, o que deveria ter falado quando os fatos aconteceram.

Prezada, “colega”

Suas justificativas para as palavras que usou comigo foi que tudo não passava de brincadeira, mas você, na sua ignorância, não tem ideia da quantidade de jovens que morrem diariamente por serem considerados ladrões e bandidos por causa de seu tom de pele, e com isso se tornam apenas estatística, um número a mais nos casos de homicídios.

Você também não deve fazer ideia de como é ir a um mercado e ser seguido, ou ainda, perceber que uma pessoa não pega algo de sua mão porque você é negro e isso é tomado como sinônimo de sujeira. Você também não deve saber o que é ser julgado por utilizar de cotas raciais para ingressar numa universidade. Sinto que vocês brancos não sabem de nada. Mas, muitos dizem saber já que tem um negro na família... no entanto, isso não vai fazer com que você viva o mesmo que ele, injúria racial não se transfere de uma pessoa para outra.

E assim, quero lhe dizer que, seus comentários, de maneira alguma, são brincadeiras, pelo contrário, são extremamente racistas. E é uma pena uma pessoa com acesso ao conhecimento, a internet, que está no Ensino Superior e em pleno século XXI, propagar tais preconceitos. Eu não gostei do que você disse. Sou negra, mas minha cor não me define como uma criminosa. Devo ser julgada por minhas atitudes, assim como qualquer outra pessoa. Então, pare de justificar seu preconceito como sendo brincadeiras ou piadas, porque não são. Não estamos mais numa época em que nos calamos diante dos nossos senhores, mas não posso negar que as senzalas têm se adaptado geração após

geração... e se naquele dia eu me calei pode ter certeza de que isso nunca mais irá acontecer, não irei me calar diante do seu preconceito e de mais ninguém.

Eu não só gosto da minha cor, eu a amo! Eu não sou da raça marrom, eu sou da raça negra, eu sou preta. E que falta de noção, achar que devo gostar de tal cor apenas porque "representa" meu tom de pele, não posso gostar de outras cores? Você por ser branca, só utilizada essa cor? Na paleta de cores, o marrom não é das minhas preferidas, mas isso não significa que não gosto da raça a qual eu pertenço, isso não me faz menos negra. E, se em algum momento tivemos intimidade, posso te garantir que ela não te dá o direito de fazer comentários racistas e achar que são brincadeiras, que eles não me machucariam. Só a experiência de uma vida negra para saber como é difícil conviver com pessoas que só querem nos inferiorizar.

Depois que escrevi esta carta que pode ou não ser lida por essa colega, me sinto mais leve e com a sensação de ter passado por esta etapa. Me sinto como se tivesse me desfeito dessa amarra, que vinha me prendendo e me proibindo de seguir em frente, como se esse meu silenciamento me impedisse de falar e me posicionar diante desses assuntos que dentro da academia são inexistentes e, que muitas vezes são tratados como tabus. Após esse momento de escrita e por ter percebido, ou ser forçada a perceber, que sofri brincadeiras racistas posso afirmar que comecei a me dispor sobre qualquer assunto que eu sentisse que precisava de um posicionamento e de uma fala de quem vive isso como uma constante e não a partir de histórias.

Em um outro momento, uma das disciplinas da grade do curso de Licenciatura em Matemática que eu mais estava empolgada para cursá-la era Educação das Relações Étnico – Raciais, esperava que nela aprenderia o que o nome propõe, e de certa forma trabalharia com as diversas formas de preconceito que enfrentamos, que eu enfrento. No entanto, o curso foi uma das minhas decepções, a professora que ministrava as aulas só nos falava sobre a escravidão, sobre os negros. Não estou tirando a importância deste tema, mas temos outras etnias a serem estudadas numa disciplina desse porte, como, por exemplo, Quilombolas e Indígenas. Não estou deslegitimando o conhecimento da professora, mas esperava que a docente fosse pertencente a uma das etnias que iríamos estudar, no entanto ela era branca e apresentou debates que não eram pertinentes naquele momento, tais como, o racismo reverso.

Lembro que uma colega do curso apresentou esse questionamento dizendo ter sofrido racismo reverso. Na turma havia apenas duas pessoas negras e o restante

brancas. Duas pessoas tentando dialogar dizendo que esse termo não existia e não fazia sentido utilizá-lo. A professora começou a argumentar que deveríamos entender em que sentido a colega estava dizendo, entender o contexto. Naquele momento, fiquei decepcionada com a docente que ministrava a disciplina. Como começar uma aula sobre as diferentes raças e etnias, tentando considerar válido uma aluna branca dizer que sofreu racismo reverso*? E eu que faço parte da minoria negra do meu curso, me vi no direito e obrigação de explicar aos colegas ali presentes que tal termo não deve nunca ser utilizado. O racismo é preconceito, discriminação, e marcou e marca uma parte da população que sofreu uma exploração, de forma oficial, da sociedade. Sendo essa exploração no trabalho, em questões financeiras, moradia e perseguições por raça, um domínio violento imposto a outras populações. Na história, não houve “navio branqueiro”. O racismo é uma questão estrutural!

*PAUSA PARA SE INTEIRAR...

Muitas pessoas ainda utilizam mitos em diálogos equivocados para ter o que argumentar e justificar!

- Para ter acesso basta ler



Falo sobre racismo reverso em tom de uma falácia/mito que surge por meio de um privilégio racial, uma vez que o grupo branco teve benefícios explorando os grupos raciais (GONZALEZ, 2020). E quando falo sobre esse mito tenho também que falar sobre o conceito de branqueamento ou embranquecimento que se faz muito presente na nossa sociedade e pode ser entendido como um posicionamento racista de todo um século de escravidão. O termo branqueamento, que aqui utilizo, trata do processo de miscigenação, no qual as negras teriam relações com os brancos para que, seus descendentes ficassem mais brancos a cada nova prole gerada. O branqueamento nada mais é que um movimento para apagar os negros de toda uma história, visto que eles eram considerados ruins.

Temos também um termo que pode ser, em alguns casos, confundido com branqueamento que é a branquitude, e causa uma certa confusão quando mencionado. Quando falamos neste termo nos referimos a toda uma construção que

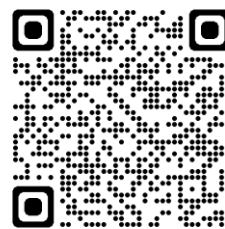
a sociedade levantou colocando uma visão do branco como superior. Não é muito comum você escutar: “Olha que mulher branca bonita!”, mas é comum escutar “Olha essa mulher negra que linda!”, esses tipos de comentários coloca a beleza branca como superior a negra, como se fosse difícil encontrar na sociedade uma mulher negra bonita. Quando se estuda as relações raciais e se olha apenas para os grupos marginalizados, estamos colocando os brancos em um papel de normatividade, fazendo pensarem que apenas o outro tem raça. Branquitude é um termo que só faz sentido falarmos quando mencionamos as práticas antirracistas, pois esse é um fato que acontece ao longo da vida de pessoas brancas.

Uma das práticas mais importante na luta contra o racismo é fazer os brancos reconhecerem que vivem em uma condição de privilégio, que foi construído em cima de uma estrutura escravocrata. Quando se nasce branco, a cor da sua pele te garante privilégios e de certa forma te blinda de situações preconceituosas. Então, posso afirmar que a branquitude* é um lugar de privilégio do branco. Pensando na terminologia branquitude e o que ela significa, é impossível acreditar que em uma sociedade em que ser branco é ter poder e, é visto como privilegiado, pessoas brancas possam utilizar de argumentos como racismo reverso quando estamos falando ou discutindo sobre o racismo.

*PAUSA PARA UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA...

Uma opção de documentário que, em um dos episódios, aborda a questão da branquitude.

- Para ter acesso basta ler 



E falo sobre este tema no meu lugar de fala que é de uma mulher brasileira, negra e que está na luta antirracista. E falo isso sabendo que o racismo no Brasil é muito disfarçado.

Enquanto a Questão Negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo, negros e brancos, e juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial neste país, vai ser muito difícil, no Brasil, se

chegar ao ponto de efetivamente sermos uma democracia racial.
(GONZALEZ, 2020, p. 310)

Depois fiquei pensando, como esperar um amplo debate sobre diversidade de raças em tais disciplinas visto que o número de negros, indígenas e quilombolas nas universidades é muito baixo, e esta estatística só diminui quando falamos desses professores no Ensino Superior. E por sermos uma minoria nas faculdades, acabam colocando em nós um fardo, que é sempre termos que falar sobre esses assuntos.

Eu, como negra, sempre tive que ser a pessoa a explicar sobre o racismo, sobre a escravidão, sobre os nossos direitos, como se nós negros só pudéssemos falar sobre esses assuntos, como se o tempo todo tivéssemos que estar dispostos a dar aulas sobre esses assuntos, “Eu brinco que, muitas vezes, pessoas brancas nos colocam no lugar de “Wikipreta”, como se nós precisássemos ensinar e dar todas as respostas sobre a questão do racismo no Brasil” (RIBEIRO, 2019, p. 40). Assumindo meu lugar de fala, acabei sendo, em alguns casos, porta voz de tais assuntos, e isso é muito desgastante. Ter que sempre explicar que existe sim uma desigualdade e que a escravidão é uma das causas; que eu sou muito mais que as minhas lutas, que elas me marcam, me compõem, mas que não sou apenas isso. Sou muito mais do que a minha cor, eu tenho outros assuntos além das questões raciais e os preconceitos para discutir e argumentar. Eu sou a Thays, uma mulher negra, que está em um curso superior. Que tal falar das minhas conquistas?

Quando surge o assunto escravidão, sempre ouvi coisas do tipo: “Thays, o que tem a falar sobre esse assunto, você é descendente deles, né?”, como se para ser descendentes temos que apresentar características fenotípicas para comprovar. Sinto lhe informar que se você é brasileiro, então é descendente de negros, indígenas, entre outros. Para essas falas que ouvi diversas vezes, deixo aqui uma frase de Makota Valdinha, não porque estou cansada de falar e sim, porque devemos estar informados da história verdadeira que nos cerca e a partir disso mudar nossas falas e posturas: *“Não sou descendente de escravos. Sou descendente de pessoas que foram escravizadas.”*⁴. Eu estou cansada de explicar sempre a mesma coisa, estamos na era da tecnologia, o conhecimento está ao nosso alcance, basta ter vontade para buscá-lo. Também me cansei de falar que tais falas são ou não preconceituosas, mas

⁴ Essa citação da Makota Valdinha, foi retirada do perfil Literalizando Caos (@literalizandocaos_) da rede social Instagram.

sei que mesmo cansada irei continuar, porque não é mais uma questão de querer falar sobre e sim uma necessidade, uma busca por igualdade e liberdade. No entanto, liberdade como

[...] igualdade social positiva, que garante a todos os seres humanos a oportunidade de determinar seu destino da maneira mais saudável e comunalmente produtiva, somente poderá ser totalmente real quando nosso mundo não for mais racista ou sexista. (HOOKS, 2020, p. 191)

Porque o racismo é uma pedra, uma barreira no caminho do negro que tem que ser removida. Mas, enquanto isto não acontece, temos que falar sobre essas questões em qualquer oportunidade que tivermos. E mesmo cansada continuarei me posicionando, pois somente assim faremos com que a sociedade enxergue que o racismo ainda está muito presente no nosso cotidiano, mesmo que muitos digam que essas questões não existem mais.

SE EU ENTRASSE NO CURSO HOJE?!

“Nunca sinta culpa por começar de novo”

(Rupi Kaur)

*“um dia
decidi ser eu
e nunca mais
voltei atrás”*

(Ryane Leão)

No decorrer da produção desta monografia, eu não queria apenas escrever um texto com cinquenta páginas. Queria que ele dialogasse com quem estivesse lendo e que esta pessoa entendesse, ou pelo menos tentasse entender, como se deu o processo de uma acadêmica do curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) durante essa produção.

E agora, escrevendo este texto final, creio que tenha alcançado este objetivo posto no começo da escrita, visto que por meio dessa produção ressignifiquei alguns episódios que vivenciei na graduação. No começo, confesso que sentia um pouco ou, até mesmo, bastante raiva dos professores que me deram as disciplinas de Cálculo II e III. Apesar de essas memórias me trazerem um ressentimento, nesse momento, consigo me colocar, de certo modo, no lugar deles e trazer aprendizados que servirão para quando eu estiver em sala de aula lecionando. As violências que sofri me deixaram presa, por um bom tempo, em um personagem que só após esse trabalho percebo como fui refém, não de outros, mas de mim mesma. O objetivo do meu trabalho era me ressignificar e me descobrir por meio dessas experiências que narro. Quando falo de escrita não posso deixar de mencionar o uso de narrativas que me ajudaram nesse desenvolver. Uma das angústias que tinha era se eu, Thays, me adaptaria com as (auto)biografias e se conseguiria produzir por meio delas. Posso dizer que eu não só me adaptei como escrever no modo narrativas (auto)biográficas me ajudou a falar sobre os temas que apresentei neste trabalho.

Penso que não teria outro jeito de ser feito, se não esse. E esse modo de escrita não me permitia, ou eu não queria que ele me permitisse, que eu apresentasse um trabalho padronizado e formal, com apenas introdução, desenvolvimento e conclusão,

e foi essa uma das conversas que tive com a minha orientadora: “Adriana, não me sinto à vontade escrevendo um trabalho em que irá conter apenas textos e citações!”. Venho em um processo contrário a normalização e a padronização, pois durante boa parte de meu caminhar tentei me adaptar e me colocar em padrões que a sociedade colocava para ser seguido. Agora sinto mais vontade ainda de separar-me

[...] desse mundo normalizado do social, do coletivo, do habitual e do acostumado no qual se pode falar e pensar automaticamente, ou seja, no qual se pode falar sem língua e pensar sem pensamentos. (LARROSA, 2020, p. 91)

E nas narrativas vi um caminho para me jogar na contramão e seguir em uma caminhada que me permitisse ser eu, falar de assuntos atuais e pouco mencionados na minha formação, em que eu pudesse falar a partir da Thays, e não segundo fulano. E que eu pudesse falar uma língua com sujeito e que não fosse neutra e nem neutralizada, eu queria falar sobre alguém e para alguém.

Com este trabalho espero que você consiga pensar em outros modos de produção, porque escrever como todos estão escrevendo, essa padronização não apenas de textos acadêmicos, mas do mundo se tornou uma língua falada por todos. Então, posso dizer que se sentar para produzir uma monografia em que já se foi dito e escrito desse mesmo modo, diversas vezes, visto que a maioria dos trabalhos acadêmicos é “texto e citação”, se tornou uma produção de ninguém (LARROSA, 2020) e entrar neste processo é se tornar padrão, eu não quero escrever como todo mundo escreve e espero que você também não!

Em alguns momentos da minha escrita o tom de culpa e arrependimento se fizeram presentes, e gostaria de dizer que são apenas sensações que o leitor pode vir a ter. Mas não, me sinto culpada por ter perdido tanto tempo da minha vida fingindo ao usar um personagem para que eu enfim pudesse ser aceita. Culpa por ter focado tanto na graduação, que não aproveitei os últimos momentos da minha avó. Me arrependo de ter me silenciado em alguns momentos em que falar era mais que necessário, era fundamental.

No entanto, apesar desses sentimentos, agora sinto liberdade! Esse é o tom que venho utilizando nessa monografia, me desamarrei de sentimentos que nunca achei que me sentiria livre. Esse trabalho é uma forma de falar essa é a Thays, sem

amarras e sem personagens. Como se eu estivesse deixando claro que de agora em diante não haverá mais silenciamentos.

Quando falo das disciplinas de Cálculo II e III e como foi o tratamento dos professores, indico um posicionamento de como não quero ser na minha profissão. Não escrevo para que vocês fiquem me pedindo identidade dos professores ou que os odeiem com base nas minhas experiências, porque nem eu sinto isso, e sim para que vocês observem as condutas de professores em duas disciplinas específicas, em semestres específicos, dias e provas específicas. Não tome como padrão essa minha experiência, mas a observe e se questione sobre o tipo de professor que você quer ser dentro da sala de aula.

Falar sobre questões raciais em um curso de graduação e em pleno século XXI, é bem mais difícil do que se imagina. Muitos estão acostumados a achar que o racismo já acabou e que é quase impossível que ele aconteça em um ambiente onde todos tem acesso à informação. Mas a realidade não é essa, na academia, ou pelo menos no meu curso, os diálogos com essa temática foram silenciados e quase inexistentes. Falar sobre racismo em uma monografia de graduação é ligar um sinal de alerta para que todos fiquem atentos sobre essas demandas. Falo para que as pessoas entendam que as questões sociais e raciais devem ser discutidas em todo o ambiente acadêmico, inclusive se você estiver em um curso de exatas.

Quando falo dos meus sentimentos ao produzir a monografia e narro essas experiências que foram, e ainda são, muito dolorosas de serem rememoradas fico pensando nas inúmeras vezes em que me vi largando mão da escrita e tentando achar uma maneira de descontrair, para ver se conseguiria me acalmar diante das situações (re)vividas. Assim, que comecei a escrever sobre as situações preconceituosas vividas por mim, a raiva em alguns/muitos momentos me tomou e pensei em mandar mensagem para a pessoa ao qual foi racista. Como pude conviver tanto tempo com uma pessoa preconceituosa sem ter me posicionado? E apesar de elas terem mexido comigo, foi (re)lembrar as disciplinas de Cálculo II e III que me fez sair do eixo. Memórias das oportunidades que tive de estar com a minha avó e não estive, me fez chorar e não mexer neste texto por dias: “Adriana, ainda não consegui mexer neste texto mas, até sexta-feira te mando!”, era o que eu dizia para a minha orientadora quando ela me perguntava como estava indo as minhas produções, e apesar de ela ser bastante compreensiva, sentia vergonha em alguns momentos de falar a verdade. O que eu gostaria de ter dito era: “Adriana, fui mexer no texto mas, as lembranças

foram demais para mim e acabei chorando enquanto (re)lia. Não sei quando vou mexer neste texto novamente, mas, vou fazer o possível para te mandar até sexta-feira!”. Era ler esta produção que os meus olhos se enchiam de água, e com isso as lágrimas passaram a compor a monografia. E as vezes me questionei: “Será quando lerem essas páginas as pessoas saberão que lágrimas foram derramas enquanto as escrevia?”. A avalanche de sentimentos que foram surgindo me fez questionar a transparência do meu trabalho e se havia a necessidade de colocar tantos detalhes que estão carregados de memórias e sentimentos dolorosos. São diversos sentimentos que vão surgindo quando eu narro e que na maioria das vezes não quero senti-los novamente, e que nesta produção tive contato diversas vezes. Então, não saber como começar ou até mesmo não querer começar, foram algumas das angústias que se tornaram presentes na produção da minha monografia.

Quero deixar escuro que o meu objetivo não é escrever “para convencê-lo de nada, nem para lhes explicar nada, mas para ver se sou capaz de dizer algo que valha a pena pensar sobretudo para que me ajudem a dizê-lo e a pensá-lo.” (LARROSA, 2020, p. 125).

E depois dessa produção fiquei me questionando: “Se eu pudesse fazer essa graduação novamente, o que eu faria de diferente?” Se pudesse eu teria participado de mais eventos, não teria demorado muito para pensar em uma monografia, teria feito uma Iniciação Científica, teria aproveitado mais as disciplinas e os professores, teria iniciado diálogos importantes, não teria ficado quieta em alguns momentos, se pudesse eu teria explorado mais a minha formação e as oportunidades que eu tinha ali.

Mas, que bom que não irei fazer a graduação novamente, porque tudo o que eu passei, vivi, vivenciei e experimentei fazem parte de quem sou hoje, compõem a Thays que produziu esta monografia. Então, se eu pudesse não faria a graduação novamente. Dito isso e depois de utilizar narrativas (auto)biográficas para me (re)descobrir e (re)construir, gostaria de te perguntar algo: Se pudesse fazer a mesma graduação novamente, o que você faria de diferente?

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, A. C. M.; TORRACA, M. A. A. A importância da prática de ensino na formação do professor de Matemática. **VIII Encontro Nacional de Educação Matemática**. Recife, p. 1-8, jul. 2004.
- BORBA, M. C. Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática. *In*: Araújo, J. L.; Fiorentini, D.; Garnica, A. V. M.; Bicudo, M. A. V. (Orgs.). **Coleção Tendências em Educação Matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- BRIÃO, G. F. RenCiMa – Revista de Ensino de Ciências e Matemática. **A Pesquisa Narrativa Autobiográfica de uma Professora de Matemática: Aproximações com a Insubordinação Criativa**. Cruzeiro do Sul, vol. 8, n. 4, p. 31 – 49, nov. 2017.
- CASASMIE, A. T. **Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, p. 107, 2007.
- COURA, F. C. F. A pesquisa narrativa na análise do desenvolvimento profissional do formador de professores de Matemática. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, vol. 04, n. 10, p. 180-195, jan./abr. 2019.
- CUNHA, J. L. Pesquisas com (auto)biografias: interfaces em tempos de individualização. Abrahão, M. H. M. B.; Passeggi, M. C. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. Cap. 3, p. 95-113.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução: Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DELORY-MOMBERGER, Ch. A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas. Abrahão, M. H. M. B.; Passeggi, M. C. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto)biográfica: Tomo I**. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. Cap. 2, p. 71-93.
- DELORY-MOMBERGER, Ch. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução: Anne-Marie Milon Oliveira e Fernando Scheibe. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, vol. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012.
- FERREIRA, L. C. P. Historiando a mim mesmo: mo(vi)mentos de uma pesquisa autobiográfica e narrativa. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, vol. 8, n. 4, p. 136-151, jan./abr. 2015.
- FREITAS, D.; GALVÃO, C. O uso de narrativas autobiográficas no desenvolvimento profissional de professores. **Ciências e Cognição**, vol. 12, p. 219-233, dez. 2007.

FREITAS, V. L. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. Experiência e construção de si: contribuições da pesquisa (auto)biográfica para a formação de professores. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 57, p. 45-58, jul./dez. 2017.

GESSER, R.; COSTA, C. L. J. Menina Mulher Negra: construção de identidade e o conflito diante de uma sociedade que não a representa. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, vol. 26, n. 1, p. 18-30, maio/ago. 2018.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. In: Rios, F.; Lima, M. (Orgs.). 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, B. **E eu não sou uma mulher?**: mulheres negras e feminismo. Tradução: Bhuvi Libanio. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JESUS, M. A. S.; SANTOS, A. Licenciatura em Matemática: um curso cada vez menos procurado para formação profissional. **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. Salvador, p. 1-10, jul. 2010.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LARROSA, J. **La experiencia de la lectura**: Estudios sobre literatura y formación. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

LIRA, A. A. D.; PASSEGGI, M. C. Aprendizagens do “tornar-se”, das experiências formadoras e da visibilidade: aproximações entre autobiografias e educação. **Educar em Revista**. Curitiba, vol. 37, p. 1-19, ago./set. 2021.

MARQUES, V.; SATRIANO, C. Narrativas autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**. Brasília, vol. 23, n. 51, p. 369-386, jun./set. 2017.

MONTEIRO, A. C. R. O que sei, quem eu sou e como atuo? o curso de Licenciatura em Matemática e os saberes necessários à profissão docente. **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. Salvador, p. 1-11, jul. 2010.

NACARATO, A. M. O professor de Matemática em início de carreira e sua constituição profissional. **V Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática**, Rio de Janeiro, p. 1-15, out. 2012.

NACARATO, A. M.; PASSOS, C. L. B.; SILVA, E. Bolema. **Narrativas na pesquisa em Educação Matemática: caleidoscópio teórico e metodológico**. Rio Claro, vol. 28, n. 49, p. 701 – 716, ago. 2014.

OLIVEIRA, A. B.; BITTAR, M.; SOUZA, L. A. A análise narrativa como possibilidade de uma linguagem para experiência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Salvador, vol. 04, n. 10, p. 93-106, jan./abr. 2019.

OLIVEIRA, A. B.; BITTAR, M. Práticas vivenciadas por um professor de Matemática no início da docência. **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. Salvador, p. 1-9, jul. 2010.

OLIVEIRA, A. B. **Licenciatura em Matemática como produção narrativa: aberturas para experiências**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2018.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, vol. 27, n. 01, p. 369-386, abr. 2011.

PASSOS, L. F.; ROMA, J. E. Alunos concluintes dos cursos de Licenciatura em Matemática e suas representações sobre a profissão docente. **X Encontro Nacional de Educação Matemática**. Salvador, p. 1-13, jul. 2010.

RAMOS, A. T. Narrativas Autobiográficas de uma Mulher Negra: identidades sociais de raça e gênero. **Travessias**. Cascavel, vol. 13, n. 3, p. 15-34, set./dez. 2019.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?**. 15. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTANA, B. **Quando me Descobri Negra**. Ilustração: Mateo Velasco. São Paulo: SESI-SP editora, 2015.

SILVA, M. S. **O que podem as Narrativas na Educação Matemática brasileira**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro, 2020.

SILVA, G. H. G.; POWELL, A. B. Microagressões no ensino superior nas vias da Educação Matemática. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**. Colômbia, vol. 9, n. 3, p. 44-76, out. 2016.

SOUZA, F. C. S.; TAVARES, A. M. B. N.; NASCIMENTO, A. S. G. Holos. **Formação de Professores: As Narrativas de Graduandos da Licenciatura em Matemática do IFRN/Mossoró**. Rio Grande do Norte, vol. 2, p. 166 – 173, maio 2012.

SOUZA, E. C. **O Conhecimento de Si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004.

SOUZA, E. C. **O Conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

SOUZA, E. C. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. **Memória e Formação de Professores**. Salvador, EDUNEB – EDIPUCRS, p. 59-74, 2006.

SOUZA, E. C. Pesquisa Narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. Abrahão, M. H. M. B.; Souza, E. C. **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 135-150, 2006.

SKLIAR, C. A educação e a pergunta pelos Outros: diferenças, alteridade, diversidade e os outros “outros”. **Ponto de Vista**. Florianópolis, n. 05, p. 37-49. 2003.

SKLIAR, C. Sentidos del escribir. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, vol. 9, n. 2, p. 45-60, mai./ago. 2016.

SKLIAR, C. **O que pode uma Poética da Educação para a nossa escola?**, 2014. Disponível em: http://www.filoeduc.org/trabalhos_2014/TR1095.pdf. Acesso em: 01 set. 2021.